

OS TRADUTORES DO *QUIXOTE* PUBLICADOS NO BRASIL¹

Silvia Cobelo

*Siempre pienso que una de las cosas felices
que me han ocurrido en la vida es haber
conocido a Don Quijote.*

JORGE LUIS BORGES

O objetivo deste artigo é apresentar um panorama dos resultados das pesquisas historiográficas feitas sobre os tradutores do *Quixote*, assim como sobre as edições das suas traduções no Brasil. As publicações foram organizadas em um catálogo com detalhes editoriais, e os dados foram tabulados, oferecendo um quadro com a porcentagem de edições por tradutor. Faz-se também uma revisão dos estudos em historiografia da tradução utilizados para elaborar a metodologia utilizada neste trabalho, a qual foi adaptada às condições e ferramentas de pesquisa disponíveis dentro da realidade brasileira.

Estudos em historiografia da tradução

A história da tradução atrai cada vez mais pesquisadores, enfatizando a necessidade de uma disciplina com metodologia e modelos teóricos adequados. Judith Woodsworth (2005) afirma que somente quando as teorias de orientação estritamente linguística tornaram-se insatisfatórias é que as traduções teriam começado a ser estudadas em seu contexto cultural, histórico e sociológico. O autor mais conhecido por esse tipo de enfoque é certamente Antony Pym, autor de vários estudos, entre eles o livro *Method in Translation History* (1998). A escassez de catálogos atualizados de traduções dificulta as pesquisas e a obtenção de dados, tendo ainda o agravante de haver países com pouca tradição bibliográfica. Um dos exemplos dados pelo autor é o próprio Brasil, país que teria, na data em que Pym escreveu o trabalho, referências precárias

¹ Este artigo é uma síntese de parte da dissertação de mestrado, *Historiografia das traduções do Quixote publicadas no Brasil — provérbios do Sancho Pança*, defendida pela autora na FFLCH/USP, 2009. A adaptação da metodologia historiográfica foi apresentada no IV EPOG – FFLCH/USP, 2009. No XVII Congresso de la Asociación Internacional de Hispanistas em Roma, 2010, foi apresentada a comunicação *¿Qué Quijote leen los brasileños?*, com um panorama dos tradutores e as edições do *Quixote* no Brasil. Parte deste artigo foi lido na palestra *As traduções do Quixote publicadas no Brasil e seus tradutores*, promovida pelo CITRAT/FFLCH – USP, no dia 27 ago. 2010.

para uma história da tradução, embora desde então a pesquisa historiográfica no Brasil tenha tomado impulso².

Pym (1998) chama de “catálogos de tradução” as listas de traduções dentro de um campo específico. Sobre a produção de catálogos, aconselha que sejam feitos da forma mais completa possível, de modo a permitir a busca de informações específicas. O desafio seria conseguir trabalhar com fontes incompletas de forma a converter um catálogo em um *corpus* útil. Foi dentro dessa abordagem que se elaborou o catálogo das edições do *Quixote* publicadas no Brasil. Em seu estudo, considera imprescindível a seleção das informações recolhidas. Ao se pesquisar em uma área específica, surgiriam inúmeros dados, especialmente se a pesquisa é feita não só em fontes tradicionais, mas também em fontes secundárias, sendo importante adotar critérios para delimitar períodos, línguas e/ou culturas. Após a confecção das listas, estas podem ser transformadas em curvas de frequência, apontando a distribuição de traduções através do tempo. Os resultados gráficos podem configurar uma organização de dados satisfatória, como se confirma nesta pesquisa.

Pym trata de um tema bastante pertinente para este artigo, que é o da designação de “traduções” incluindo também as reimpressões (ele dá o exemplo de uma mesma tradução reimpressa ou reeditada sempre pela mesma editora, e de uma tradução publicada por várias editoras³). O fato de serem encontradas muitas traduções de um mesmo texto, bem como reedições de traduções antigas, poderia ser considerado como um bom índice da demanda do público leitor. Nesse tipo de pesquisa, como ocorreu na investigação das traduções do *Quixote*, muitas vezes não se conseguem dados referentes, por exemplo, às tiragens e vendas reais, portanto a frequência das reedições geraria um panorama dessa demanda. As reedições de uma tradução antiga tendem a demonstrar sua validade, contestada justamente pelas retraduições.

Para Antony Pym, a importância dos tradutores é evidente, e apesar de admitir que é muito difícil determinar o papel dos mesmos na história da tradução, ele enfatiza a necessidade de se considerar a existência de uma pessoa, de carne e osso, com as

² O autor menciona, como exceções, os trabalhos de John Milton (1993), José Paulo Paes (1990) e o trabalho de Lia Wyler, *A tradução no Brasil*. Dissertação de mestrado em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995. No último decênio, a bibliografia sobre historiografia aumentou bastante no Brasil: foram lançados pelo menos dois volumes temáticos (Crop 6, em 2001, e Tradução em Revista 5, em 2008), além deste (Tradução em Revista 8) que inclui o presente trabalho e da publicação de artigos em periódicos pluritemáticos e coletâneas; estudos foram desenvolvidos, comunicações apresentadas em congressos, teses e dissertações defendidas. O Encontro de Tradutores, que teve sua décima edição nacional e quarta edição internacional.

³ Pym (1998:79-80).

angústias, necessidades, defeitos e qualidades de um ser humano por trás de toda obra traduzida (Pym, 1998: 159-160).

Em um artigo recente, *Humanizing Translation History* (2008), o teórico afirma que o estudo de tradutores tende a mostrar que eles geralmente fazem mais do que traduzir, “they engage in many aspects of cross-cultural communication” (Pym, 2008: 23). Para ele, a história dos tradutores deveria ser considerada como um princípio válido de organização, como ocorre com os autores e seus textos fontes, ou os estudos de língua fonte *versus* língua ou cultura meta. O problema é que seria muito difícil descobrir dados de tradutores como indivíduos; geralmente o que se conseguiria, como também aconteceu nesta pesquisa, seria a produção de longas listas, geralmente limitadas a títulos bibliográficos, datas de nascimento e referências ocasionais, exigindo bastante trabalho e tempo reunir elementos para uma biografia. Em compensação, ao serem analisadas, essas pesquisas revelariam não só um “hidden labyrinth of textual history but also, indirectly, a few of the historical reasons for the longstanding suppression of translators as significant cultural figures” (2008: 10).

Em outro artigo, Poupaud, Pym e Simón (2008) avaliam alguns caminhos para a obtenção de dados historiográficos. Um deles é o portal da UNESCO, *Index Translationum*, outro é o *Electre*, um portal pago, destinado a profissionais da indústria do livro e o terceiro mencionado, de interesse para este trabalho, é o portal de vendas *on-line* de livros, *Amazon.com*.

Os pesquisadores então optaram por utilizar, como fonte de pesquisa, o portal *Amazon.com*. O problema encontrado pelos autores é que o portal não teria sido desenhado para ser uma ferramenta de pesquisa em tradução, portanto apresentaria algumas limitações. Mesmo assim consideraram esse portal uma ferramenta útil, na convicção de que, utilizando filtros corretos para a investigação, poderiam ser obtidos dados exaustivos sobre títulos disponíveis. Uma estratégia semelhante foi utilizada nesta pesquisa com resultados bastante satisfatórios.

Segundo Heloísa Cintrão (2006: 293), as ferramentas providas da tecnologia da Internet seriam parte dos recursos de pesquisa e documentação para tradutores. Em sua tese ela cita não só o *Google* e seus principais recursos, mas também dicionários *on-line*, memórias de tradução e listas de tradutores como fontes de consulta. Alerta que a Internet pode ser usada como uma imensa enciclopédia, desde que não recorramos a ela “de maneira ingênua, aprendendo certos parâmetros de avaliação crítica e aplicando certos critérios que podem nos dar alguma garantia de confiabilidade do resultado

obtido”. Essa abordagem para consultas à Internet foi usada na pesquisa das edições e nos estudos feitos para a elaboração das entrevistas com os tradutores.

Outro conceito bastante pertinente para este trabalho foi o de paratexto e o seu papel na leitura. Martins (1999: 193) faz uma distinção entre paratextos e metatextos, especificando que os primeiros são os elementos inseridos na edição, junto com o texto: “título, a folha de rosto, as orelhas, as quatro capas, o(s) prefácio(s) e até mesmo elementos inseridos nos interstícios da obra, como títulos de capítulos e notas de rodapé”. Os metatextos, por sua vez, são elementos fora da edição, “transmitidos através da mídia (como entrevistas e palestras, por exemplo) ou de comunicações particulares (correspondência, diários, etc.)”.

Em uma comunicação no XI Congresso Internacional da ABRALIC, realizado em 2008, em São Paulo, Martins apresentou o portal *Escolha seu Shakespeare*, um instrumento para assessorar o público a localizar a tradução desejada, “a escolher o ‘seu’ Shakespeare dentre as edições disponíveis” (2008: 4, aspas da autora)⁴. Os dados biográficos dos tradutores foram quase todos coletados através de entrevistas com os próprios ou com pessoas próximas destes. O projeto considera como características da tradução a dicção, estilo, registro, esquema rímico e métrico, e como características da edição, se a mesma é bilíngue, se faz parte de alguma coleção ou série, seus paratextos, destaque dado ao nome do tradutor, se é informada a edição (ou edições) em inglês usada para a tradução. A recepção crítica é embasada em resenhas e matérias divulgadas na mídia, mas também consideram “declarações, avaliações e comentários publicados ou obtidos por meio de entrevistas” (Martins, 2008: 4). A ficha de análise das edições para a produção do catálogo apresentado aqui neste artigo está basicamente referenciada nas pesquisas dessa autora.

A metodologia adaptada à realidade brasileira

Ao iniciar a pesquisa historiográfica das traduções e tradutores do *Quixote*, encontrou-se uma grande dificuldade na obtenção de dados. Foram infrutíferas as tentativas de encontrá-los em órgãos como a Câmara Brasileira de Livros (CBL), portais

⁴ O portal contém uma base de dados constituída por 171 traduções brasileiras diferentes das 37 peças do dramaturgo, todas feitas a partir de um texto original integral. As descrições e os resultados da análise do projeto tradutório e editorial e cada edição foram incorporados a fichas catalográficas individuais, disponíveis para consulta pelas seguintes palavras-chave: Título da obra em inglês, Título da obra em português, Nome do tradutor, Características da tradução, Ano de publicação e Editora. Disponível em: <http://www.letas.puc-rio.br/shakespeare/>. Acesso em 25 out. 2010.

de bibliotecas públicas ou arquivos das próprias editoras — muitas das quais foram vendidas ou fundidas com outras, não dispunham mais de arquivos antigos ou não os disponibilizaram.

A elaboração do catálogo das 72 edições do *Quixote* publicadas no Brasil foi baseada em buscas no portal vendas de livros usados, *Estante Virtual*, conhecido na mídia como “*Google* dos livros”. Em recente entrevista à Danelon (2009), André Garcia, jovem empreendedor que criou a empresa em 2005, afirma que as vendas, que montaram a R\$ 36 milhões só em 2009, continuam crescendo. Na página inicial desse portal as informações são atualizadas constantemente. No dia consultado (25 de agosto 2010), ofereciam mais de 24 milhões de livros, ultrapassando 100 mil acessos por dia. Declaram reunir um acervo de 1.782 sebos e livreiros (10% fora do Brasil) dispersos em 320 cidades do Brasil. O portal aceita, sem custo algum ao interessado, uma quota de cem livros de pessoas físicas e atualmente instalou um sistema de trocas de livros, aumentando ainda mais o universo pesquisado.

No campo de busca existem as seguintes opções: autor ou título, autor, título, editora, descrição. A pesquisa pode ser refinada com palavras chave e novamente aparecem as opções acima, sendo possível limitar a busca aos resultados já conseguidos. Por exemplo, ao digitar “dom Quixote” aparecem 2.366 obras. Ao refinar a busca com a editora “José Olympio” o número é reduzido para 82. Os números obviamente sofrem alterações contínuas.

Para a elaboração do catálogo seguiram-se os seguintes passos:

- 1) Busca pelo nome da obra.
- 2) Análise de cada entrada. Descartaram-se os livros que não estão nas estantes de Literatura Estrangeira, Literatura Espanhola, Coleções, Livros Raros e Outros Assuntos. Com isso eliminaram-se as adaptações, biografias e estudos críticos.
- 3) Análise detalhada de cada descrição. Compilação de informações sobre cada edição.
- 4) Por não existir um campo “tradutor”, e por falta de informações na descrição, muitas vezes foi necessário um contato direto com o livreiro/vendedor da obra por e-mail ou telefone para checar informações faltantes.
- 5) Para maior precisão na pesquisa, ativou-se uma verificação cruzada, utilizando-se o campo de editoras nos resultados encontrados para verificação de possíveis erros ou omissões. As informações foram

finalizadas com pesquisas nas ferramentas do *Google* e outros buscadores, além de contato com editoras.

- 6) Organização dos dados obtidos em planilha Excel e obtenção de gráficos e estatísticas.

As edições foram analisadas, considerando-se o que foi possível verificar diretamente, e as coletas de dados privilegiariam aqueles referentes à edição: ano de publicação, editora, título em português, nome do tradutor, ilustrações, número de páginas, volumes, reimpressões e os paratextos apresentados. Para cada edição ensaiou-se um breve panorama da editora responsável pela publicação utilizando na maioria das vezes o excelente livro de Hallewell (2005), e uma breve nota biográfica dos autores dos paratextos e ilustradores.

A pesquisa sobre os seis tradutores foi elaborada com as ferramentas de busca do *Google*, *Bing*, *Exalead*; procurando-se o nome do tradutor colocado entre aspas, e na busca relacionada só com a tradução da obra de Cervantes, adicionando-se o nome da obra, “*Quixote*”. Também foi usado o recurso de pesquisa avançada, delimitando o país e/ou a língua, no caso, português. A utilização, com os mesmos critérios, dos mecanismos de busca do *Google acadêmico* e *Google livros* para obter dados biográficos, assim como livros traduzidos e/ou escritos, foi uma estratégia bastante útil para a pesquisa dos tradutores do século XIX e XX, os quais não apareceram nos canais usuais, como os tradutores contemporâneos. No caso dos tradutores do século XXI, em especial Sergio Molina, ocorreu um problema inverso: surgiram mais entradas do que era possível analisar, e foi dada preferência aos dados mais fidedignos da excelente entrevista feita por Villa, Benedetti e Hirsch (2003) e publicada em *Cadernos de Literatura em Tradução* 5. Encontraram-se breves biografias desses tradutores nos portais de algumas editoras — apenas os tradutores Nogué e Sánchez estão no dicionário *Ditra*⁵. A pesquisa foi complementada com entrevistas com os quatro tradutores vivos, sendo que Eugênio Amado também respondeu por seu pai, Milton Amado, já falecido. Buscaram-se ainda metatextos sobre as traduções em si e sobre os tradutores, para melhor delinear o panorama da recepção no Brasil da maior obra de Cervantes.

⁵ Disponível em: <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/index.htm>. Acesso em 02 jul. 2010.

Os tradutores do *Quixote* publicados no Brasil

A recepção do *Quixote* no Brasil está relacionada com seus tradutores e suas traduções. Pensando na pergunta de Hurtado Albir (2007) – “¿Quién traduce?”⁶, pesquisou-se a biografia dos tradutores, com foco especial em suas atuações na profissão e em especial na tradução do *Quixote*. Duas traduções foram feitas por portugueses; os Viscondes de Castilho e Azevedo, junto com Pinheiro Chagas, são responsáveis pela primeira tradução assinada da obra para o português, publicada em Lisboa no final do século XIX, e a tradução de Aquilino Ribeiro de 1954. Existem quatro traduções brasileiras, duas delas feitas no século XX. A primeira, assinada por Almir de Andrade e Milton Amado, foi encomendada pela editora José Olympio e publicada em 1958, e a segunda, de 1983, teve como responsável Eugênio Amado. As outras duas foram preparadas para o quarto centenário da publicação do primeiro livro, celebrado em 2005: a tradução bilíngue da editora 34, feita por Sérgio Molina, e o trabalho a quatro mãos realizado por Carlos Nougué e José Luis Sánchez.

A tradução Viscondes/Chagas

A história do *Quixote* para o português inicia-se com o fato insólito da sua tradução tardia para esse idioma. Durante 179 anos a obra teria sido lida em espanhol em Portugal, em uma época de bilinguismo luso-castelhano e em que o espanhol havia adquirido *status* de “língua de cultura” nesse país, conforme estudo feito por Abreu (1997: 61-105)⁷. No mesmo ano da primeira publicação de Madri, em 1605, são publicadas em Lisboa três edições da obra em espanhol⁸; só em 1794 o *Quixote* é traduzido ao português “vulgar”. Essa tradução anônima foi reeditada três vezes. A primeira reedição foi impressa em Paris pela Pillet Aîné em 1830, a segunda em Lisboa pela Typografia Universal no ano de 1853 com outro título: *História de D. Quixote de la*

⁶ Hurtado Albir (2007:29-30): “Nos referimos ahora a los conocimientos que ha de poseer el traductor. La primera respuesta que suele darse es que el traductor ha de saber lenguas, que ha de tener conocimientos lingüísticos. Pero esta respuesta hay que matizarla: ¿Tiene que tener el mismo nivel de conocimientos en la lengua de partida que en la lengua de llegada? [...] ¿necesita ser el traductor teórico de las lenguas o un conocedor de la Lingüística? La primera cuestión que hay que considerar es que el traductor necesita una competencia de la comprensión en la lengua de partida y una competencia de comprensión en la lengua de llegada; [...] Sin embargo, no basta con los conocimientos lingüísticos; el traductor ha de poseer también conocimientos extralingüísticos: sobre la cultura de partida y de llegada, sobre el tema del que se trata el texto que está traduciendo, etc.”.

⁷ Estuda-se esse fato de maneira mais aprofundada no artigo *A tradução tardia do Quixote em Portugal*. (Cobelo, 2010a).

⁸ Cervantes publicou *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha* em 2005 e *El Ingenioso Caballero Don Quijote de la Mancha* em 1615. Em estudos hispânicos as duas partes são conhecidas como primeiro livro, com 52 capítulos, e segundo livro, com 74.

Mancha. Cañede (2007: 59 e 2003: 190) cita em nota outra edição dessa mesma tradução anônima, editada em Porto, Portugal em 1858.⁹

A primeira tradução assinada surge somente no final do século XIX, em 1876/78. Essa tradução, a mais publicada até hoje na língua portuguesa, é conhecida como a tradução “dos Viscondes”, iniciando talvez uma tradição de injustiças editoriais e omissões de créditos autorais nas traduções do *Quixote*, algo que perdura nas edições publicações da obra até hoje.

António Feliciano de Castilho (1800-1875)¹⁰, visconde de Castilho, é o primeiro tradutor do *Quixote*. Ele perdeu a visão aos seis anos, sequela de um surto de sarampo em sua cidade natal, Lisboa. Foi autor de mais de dez livros e também traduziu obras do latim, francês e inglês antes da sua derradeira tradução, o início do *Quixote*¹¹. É realmente uma produção impressionante, tendo em vista que na época não havia recurso algum para deficientes visuais¹². Ele morreu aos 75 anos, um ano antes do lançamento da edição do *Quixote* em 1876. Abreu (1997:254) informa que o tradutor chegou ao capítulo XXV¹³ do primeiro livro.

Após a morte do Visconde de Castilho surge em cena Francisco Lopes de Azevedo Velho de Fonseca Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Coelho (1809-1876)¹⁴, Visconde de Azevedo. Ao assumir a tradução, ele tinha 66 anos de idade, e morreria um ano depois, no lançamento do primeiro livro do *Quixote*. Pelo tempo que dedicou ao trabalho é muito improvável que tenha ido além do primeiro livro.

⁹ Cañede (2007: 59) e (2003: 190) cita em nota uma tradução anônima editada em Porto, Portugal, 1858. Não fornece referências em nenhum dos dois artigos que cita essa edição. Contatada via e-mail, prometeu enviar em breve alguma bibliografia.

¹⁰ Ver mais em <http://www.apec.org.pt/castilho.htm>. Acesso em 8 jul. 2009.

¹¹ *A lírica*, de Anacreonte; *Amores*, de Ovídio; *Geórgicas*, de Virgílio; *Médico à força*, *Tartufo*, *O avaro*, *Doente de cisma*, *Sabichonas* e *Misantropo*, todos de Molière; *O sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare; *Fausto*, de Goethe. Segundo os portais consultados, ele teria sido criticado por traduzir *Fausto* partindo de uma tradução francesa e por traduzir Shakespeare sem saber inglês.

¹² No Dicionário Histórico de Portugal informam que ele teve que estudar ouvindo a leitura de textos e sendo obrigado a ditar toda a sua obra literária. Aprendendo somente pelo que ouvia ou lhe diziam, Castilho conseguiu alcançar razoável erudição no latim e nas humanidades clássicas, o conhecimento superficial de algumas línguas, e o conhecimento aprofundado da língua portuguesa, que lhe permitiu distinguir-se como poeta e prosador. Disponível em: <http://www.arqnet.pt/dicionario/castilhoantoniof.html>. Acessado em 8 jul. 2009.

¹³ Ou XXXV, segundo matéria no artigo publicado no jornal *O Commercio do Porto*. Abreu (1997:254).

¹⁴ Portal Português. Disponível em: <http://www.jf-mazarefes.com/?m=historia&id=554>. Acesso em 8 jul. 2009.

Abreu (1994) inclui um terceiro tradutor dessa edição do *Quixote*, o lisboeta Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895), tradutor de parte do segundo livro e autor do prefácio¹⁵, que infelizmente não acompanhou nenhuma das edições estudadas.

Pinheiro Chagas foi bastante prolífico: publicou onze romances, seis peças de teatro, dez obras como historiador e alguns poemas. Jornalista, foi diretor de vários periódicos de Lisboa. Eleito várias vezes deputado, chegou a ser nomeado Ministro da Marinha e Ultramar¹⁶. Também atuou como professor de Literatura Clássica no Curso Superior de Letras e ainda teve tempo para traduzir obras do inglês, como a segunda tradução para o português de *Robinson Crusoe*¹⁷ e algumas obras de Julio Verne.

Sobre essa tradução, Abreu (1994:82-83) cita Jorge Peixoto¹⁸, que a denomina “Castilho-Azevedo-P.Chagas”. Os estudos feitos indicam que, apesar de não figurar como nos créditos das edições brasileiras da tradução mais publicada em português¹⁹, Pinheiro Chagas deve ter traduzido a maior parte da obra, possivelmente todo o segundo livro. É proposto aqui que essa tradução passe a ser denominada como Viscondes/Chagas.

A primeira edição dessa tradução no Brasil foi feita pela Editora Cultura, São Paulo, em 1942/43, em dois volumes e capa dura. Teve 48 reimpressões (e em vários casos, também houve reedição) por várias casas editoriais, com apresentações variadas: volumes únicos ou dois volumes, capa dura ou brochura, com ou sem os mesmos paratextos e ilustrações, como pode ser verificado no catálogo das edições brasileiras do *Quixote* que será visto neste trabalho.

A tradução de Almir de Andrade e Milton Amado

Algo similar ocorreu no Brasil com a primeira tradução brasileira do *Quixote*, assinada por Almir de Andrade (primeiro livro), e Milton Amado (segundo livro). Almir de Andrade nasceu no Rio de Janeiro em 1911; era escritor, filósofo e tradutor, entre outras atividades. Na faculdade de Direito iniciou amizade com vários intelectuais

¹⁵ Parte desse prefácio pode ser apreciada em ABREU (2006:305-306) e no subcapítulo, *O prefácio de Pinheiro Chagas* (1876) em ABREU (1997:82-92).

¹⁶ Dados de Wikipédia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Joaquim_Pinheiro_Chagas. Acesso em 9 jul 2009.

¹⁷ DEFOE, Daniel. *A vida e as aventuras de Robinson Crusoe...* Tradução de Pinheiro Chagas. Paris, Lisboa: Guillard, Aillaud & Cia, [189-?].

¹⁸ PEIXOTO, Jorge. Bibliografia das edições e traduções do D. Quixote publicadas em Portugal. *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*. Vol. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 597-622, 1961.

¹⁹ Dado confirmado em Portugal por Abreu (1994: 255) e no Brasil, pelos resultados desta pesquisa.

importantes da época, como San Tiago Dantas, Hélio Viana e Vinícius de Moraes.²⁰ Segundo Losso, “Almir de Andrade fundou e dirigiu a publicação *Cultura Política*, revista editada e publicada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) entre 1941 e 1945” (2006: 96).

Traduziu obras escritas em inglês e francês²¹, mas não foi encontrada nenhuma obra em espanhol por ele vertida além do *Quixote*. Segundo comunicação pessoal de seu amigo João Ricardo Moderno, atual presidente da Academia Brasileira de Filosofia, Almir de Andrade não teria terminado a tradução do *Quixote* por ter sido chamado para trabalhar como subchefe da Casa Civil do presidente Getúlio Vargas em 1951. Participou do governo até o final, inclusive teria sido uma das testemunhas presentes no Palácio do Catete em 1954, no fatídico dia do suicídio do presidente. Apesar de aparecer como único tradutor do primeiro livro, sabe-se que ele não terminou os 52 capítulos, tarefa que coube a Milton Amado, que inclusive revisou a segunda e a terceira edições, quadruplicando o número de notas.

Milton Amado, nascido em 1913 em Figueira de Rio Doce, hoje Governador Valadares, foi para Belo Horizonte trabalhar em um importante jornal de Minas, *O Diário*. Atuou toda sua vida como jornalista e cronista em vários jornais e depois como publicitário na agência Norton, até ser fulminado por uma precoce morte aos 61 anos, em 1974. Mesmo sem ter frequentado escola de idiomas, Milton Amado manteve sempre uma carreira de tradutor em paralelo. A partir de 1942, traduziu mais de trinta livros do inglês, francês e espanhol, inclusive títulos famosos que aparecem em inúmeras citações bibliográficas²².

Antes do *Quixote*, obra que transpôs para o português aos 38 anos, ele já havia traduzido toda a poesia de Edgar Allan Poe²³, fato que o deixou conhecido como um excelente tradutor de poesia; portanto, não foi por acaso que as poesias contidas no

²⁰ Informações retiradas do portal Português do Brasil. Disponível em: http://www.portuguesdobrasil.net/vinicius_de_moraes.htm. Acesso em 10 jul. 2009.

²¹ Entre suas traduções, aparecem duas obras do escritor alemão Emil Ludwig, *O mediterrâneo* (1943) e *Freud desmascarado* (1948) e uma obra de Leon Tolstói, *Os cossacos* (1942), mas se acredita que foram traduzidas a partir de uma tradução francesa, algo comum no panorama editorial da época. As obras em inglês: *A psicanálise ao alcance de todos* (1940) de Joseph Jastrow, *A ciência da vida* (1940) de HG Welles, Huxley & GP Welles, *O romance da medicina* (1942) de Logan Clendening, *O plano Beveridge* (1943) de William Beveridge, os quatro volumes da *Pequena enciclopédia de conhecimentos gerais* (1950/53/55) organizada pelo professor escocês Hyman Levy, *Viagens de Gúliwer* (1950) de Jackson Swift. As obras em francês: *Indiana* (1943) e *Mauprat* (1945) de George Sand.

²² Algumas obras: *A arte de amar* (1960) de Erich Fromm, *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce* (1974) de Saint-Hilaire e a obra, *A sociedade democrática [aberta] e seus inimigos* (1959/1975) de Karl Popper, além das outras citadas no texto.

²³ POE, Edgar A. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Aguilar, 1944/1965.

Quixote ficaram sob sua responsabilidade. Ivo Barroso (1998) comparou nove traduções de “The Raven” de Poe²⁴, elegendo a versão do primeiro tradutor brasileiro do *Quixote* como “a grande tradução do poema” (Barroso, 1998:23). Além de traduzir o segundo livro da grande obra de Cervantes ele também foi o tradutor de todas as poesias do primeiro, como confirma a nota da edição de 1952²⁵ e os créditos nas notas de rodapé das outras edições consultadas. Milton Amado traduziu outros autores consagrados após o *Quixote*, como Tolstoi, Daphne du Maurier, Dickens e Pär Lagerkvist, Nobel de Literatura em 1951.

As pesquisas apontam Milton Amado como o verdadeiro responsável pela excelência da edição luxuosa da José Olympio em 1952 (231 notas), especialmente após sua rigorosa revisão em 1954 (mais de 872 notas) e 1958 (mais de 931 notas)²⁶. Apenas observando a diferença entre o número de notas já é possível perceber seu extenuante trabalho e cuidado com o texto. Nessa modalidade de paratexto, Amado revela suas opções tradutórias, muitas vezes oferecendo o texto na versão original em espanhol e nas duas traduções portuguesas, a Viscondes/Chagas e a de Benalcanfor²⁷. José Olympio edita a obra pela última vez em 1973, e depois a tradução é editada cinco vezes pela Ediouro em dois e três volumes (a partir de 2002), com menos da metade das notas (406). As edições atuais não incluem o prefácio do folclorista Luís da Câmara Cascudo nem a introdução de José Brito Broca, e os dois tradutores aparecem, erroneamente, como se tivessem assinado em conjunto a tradução integral de toda a obra.

A tradução de Aquilino Ribeiro

O escritor português Aquilino Ribeiro (1885-1963) assina mais de 70 obras, entre contos, novelas, romances, estudos etnográficos, biografias, ensaios, impressões de viagem e literatura infantil. Teria começado a traduzir muito cedo, e de maneira

²⁴ Ivo Barroso comparou duas traduções para o francês e sete em português. As traduções estudadas foram: Charles Baudelaire (1853), Stéphane Mallarmé (1888), Machado de Assis (1883), Emílio de Meneses (1917), Fernando Pessoa (1924), Gondin da Fonseca (1928), Milton Amado (1943), Benedito Lopes (1956) e Alexei Bueno (1980). O livro tem uma excelente introdução de Carlos Heitor Cony, também apreciador de Milton Amado como tradutor de poesia.

²⁵ Nota do Editor: “Estas poesias que abrem o Livro I, traduzidas por *Milton Amado*” (Cervantes, 1952: 111, itálicos da edição).

²⁶ Colocou-se o termo “mais de” pois Milton Amado tinha uma maneira peculiar de fazer notas, como pode ser visto na entrevista feita sobre ele com seu filho. Uma nota muitas vezes é subdividida em a, b, c... , etc.

²⁷ CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha*. Tradução Visconde de Benalcanfor, 2 volumes. Lisboa: Francisco Arthur da Silva, 1877/78.

anônima, antes mesmo de estrear como autor aos 28 anos com seu livro de contos, segundo conta em seu livro de memórias, *Um escritor confessa-se*²⁸. Ele traduzia mesmo de línguas que conhecia pouco, como descreve Henrique Almeida (2006: 130): “Com dicionário e gramática em punho, ajudado pela tradução francesa, verte o romance [*Il Santo*, de Antonio Fogazzaro] para Português”. Logo depois traduziria Tolstoi, Mantegazza e Dubut de Laforest. Almeida informa que Aquilino deixou o seminário de Beja aos 18 anos, lugar onde obteve a sua formação humanística, a qual lhe permitiria ler textos originais escritos em latim, grego, francês, castelhano e galego.

Ribeiro, depois de traduzir o *Quixote* em 1954,²⁹ foi responsável, quatro anos depois, pela primeira tradução ao português da versão integral de outra obra de Cervantes, as *Novelas exemplares* (1958)³⁰.

Maria Fernanda de Abreu (2006) afirma que o *Quixote* de Aquilino Ribeiro, “mais do que uma tradução é uma ‘versão’, e ele próprio assim a chamou” (2006:312, aspas da autora). Mais adiante a autora chama essa tradução de “reescrita”.³¹ No prefácio da obra, Ribeiro se pergunta se seria possível “nacionalizar”³² o *Quixote*:

²⁸ RIBEIRO, Aquilino. *Um escritor confessa-se*. Lisboa: Bertrand, 1972.

²⁹ Nota 10 de Almeida (2006:135): “1ª edição de Dom Quixote de La Mancha - Tradução e estudo de Aquilino Ribeiro, edição de luxo, ilustrada por Lima de Freitas, 2 volumes, 1954. Foi editada na mesma altura uma separata de poucos exemplares, “D. Quixote e o seu Autor”, que Aquilino ofereceu aos amigos. [...] Note-se que na edição de luxo, de 1954, Aquilino faz demoradas apreciações das traduções até então existentes”.

³⁰ Nota 12 de Almeida (2006:135): “A obra *Novelas exemplares* – Tradução e estudo de Aquilino Ribeiro, edição ilustrada, de luxo, editada em Lisboa, 1958”.

Em 1967 é publicada pela Livraria Bertrand. A obra ainda não foi traduzida integralmente no Brasil.

³¹ A autora esclarece melhor no parágrafo seguinte o que seria essa “versão/reescrita”: “Pouco tempo depois, Ribeiro traduz igualmente as *Novelas exemplares*, aproveitando não só para “corrigir” o escritor que admirava mas a quem apontava deficiências estilísticas e gramaticais, como também para o manipular ideologicamente” (Abreu, 1997: 312, itálicos e aspas da autora). Nesse sentido, Henrique Almeida (2006) também considera a tradução de Ribeiro como uma versão, na nota 10 do artigo *Tradução ou adaptação? – a versão de Aquilino Ribeiro*, Almeida afirma: “No séc. XX, a tradução incontornável de Aquilino Ribeiro, identificada pela maior liberdade interpretativa” (Almeida, 2006:135). Julio Garcia Morejón também chama a tradução de versão em sua apresentação da obra: “Sempre que Cervantes o permite, Aquilino Ribeiro injeta a mais típica seiva portuguesa na linguagem, acudindo ao riquíssimo veio do povo, à fala viva do povo, ‘sempre mais expressiva e a mais pitoresca’, como êle afirma. [...] O leitor da versão que aqui se apresenta vai gozar uma das experiências mais arriscadas e originais que se realizaram em Portugal, no campo das traduções, [...], realmente, concretizou-se o fenómeno da nacionalização de uma obra de arte literária, propósito que norteou o tradutor ao iniciar sua empresa” (Morejón, 1963:22-23, itálicos do autor). Ver mais na nota seguinte.

³² “NACIONALIZAR d. Quixote? É isso possível? Há em português traduções várias razoáveis. A pudibundaria de Castilho tolheu-o de ser exato. O culto excessivo do vernáculo prejudicou-lhe também a naturalidade e deslize fluvial que tem o *D. Quixote*, sem cachopos nem borbotões. De tempos a tempos, empolgado pela ênfase dos pregadores e gongóricos de má morte, dá-nos um Cervantes *tire à quatre épingles*, arrevesado e pomposo. Benalcanfor está mais perto do original, em despeito das suas insuficiências” (Ribeiro in Cervantes, 1963: 25, negritos e itálicos do autor). Ribeiro usa a palavra “nacionalizar” mais de uma vez, no prefácio da sua autobiografia (nota 18): “É isso que me traz ao proscénio público a expressá-lo, uma vez que adquiri esse direito desde que pretendi nacionalizar, digamos, o engenhoso fidalgo e o escudeiro fiel” (Ribeiro apud Almeida, 2006: 136).

“Traduzir um livro não consiste apenas em vertê-lo para termos equivalentes noutra idioma; é amoldá-lo ao clima e estética dêsse idioma, como se lhes fôsse congênito. [...]” (Ribeiro, 1963: 26). O tradutor também se pergunta sobre suas razões para transpor a obra, “Por que me dei a traduzir D. Quixote? Apenas por isso, o desenfado, a paixão que sempre tive pelo Quixote, me abalancei a cometer a tradução. Não o faria com Shakespeare ou Goethe” (p. 27)³³. Em 1960 ele é indicado a Prêmio Nobel de Literatura; três anos depois, durante as celebrações do 50º aniversário do seu primeiro livro, Aquilino Ribeiro adoece e morre aos 78 anos³⁴.

No Brasil a sua tradução foi editada pela Difusão Européia do Livro, São Paulo, em 1963 e reeditada uma única vez, em 1967. São dois volumes em capa dura, com introdução de Julio Garcia Morejón³⁵. No exemplar informam que as 646 notas são de Maurice Bardon³⁶. As quatro únicas ilustrações aparecem em uma lâmina em papel couché antes da página de rosto de cada volume.

A tradução de Eugênio Amado

Eugênio Amado³⁷, o autor exclusivo da segunda tradução brasileira do *Quixote*, nasceu em Belo Horizonte em 1942, dez anos antes do lançamento da tradução da obra feita por seu pai, Milton Amado. Graduou-se em Geografia e trabalhou como funcionário público. Iniciou realmente sua carreira de tradutor ao encontrar uma tradução inacabada do seu recém-falecido pai, *Viagem no interior do Brasil* (1975)³⁸. Essa tradução foi publicada pela editora Itatiaia (hoje Villa Rica), a mesma com a qual Milton Amado costumava trabalhar e à qual Eugênio Amado ficaria ligado por toda sua vida profissional, inclusive como autor de livros infantis. Traduziu vários livros de

³³ Interessante esse comentário. O Visconde de Castilho foi criticado, com é visto mais adiante, exatamente por suas traduções de Shakespeare e Goethe. Outro paradoxo é que, apesar do que diz, Ribeiro traduziu vários autores clássicos.

³⁴ Portais contendo informações de Aquilino Ribeiro. Disponíveis em: http://www.mundocultural.com.br/index.asp?url=http://www.mundocultural.com.br/literatural/modernismo/portugal/aquilino_ribeiro.html e <http://sernancelhe.planetaclix.pt/Aquilino-Ribeiro.htm>. Acesso em 11 jul. 2009.

³⁵ Na época, professor de Língua e Literatura Espanhola na FFLCH/USP.

³⁶ Na edição é apresentado como *Docteur ès Lettres, Professeur agrégé au Lycée Janson-de-Sailly*, autor do prefácio, bibliografia e notas da tradução para o francês de Louis Viardot, intitulada *L'ingénieux hidalgo don Quichotte de la Manche*. Paris: Garnier Frères, 1850. Não fica esclarecido se a tradução das notas também é de Aquilino Ribeiro.

³⁷ As informações biográficas foram retiradas de longas conversas telefônicas e uma visita feita a Belo Horizonte para entrevista pessoal, no dia 09 de junho de 2009, na companhia da Professora Dra. Maria Augusta da Costa Vieira (FFLCH/USP).

³⁸ GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1975.

viagens, duas dessas traduções resultaram em Prêmios Jabuti³⁹. Duas grandes obras de Charles Darwin, *A origem do homem* (1976) e *Origem das espécies* (1985), também foram traduzidas por ele.

Mesmo com mais de vinte livros traduzidos (inglês, francês e espanhol), o tradutor nunca frequentou escola de idiomas. Contou ter desenvolvido a sua compreensão desses idiomas apenas pelo exercício da leitura.⁴⁰ Eugênio Amado traduziu diversos clássicos da literatura. O primeiro deles foi o *Quixote*, em 1983. A encomenda partiu do dono da Itatiaia, o mesmo editor, Pedro Paulo Senna Madureira, que havia recomendado Milton Amado para a tradução do *Quixote* da José Olympio. A edição, com 130 notas, foi um sucesso de vendas, esgotou-se e foi reeditada mais de uma vez, como pode ser observado no catálogo em anexo.

Em 1989 Eugênio Amado traduziu o *Livro apócrifo de Dom Quixote de La Mancha*, de 1614, assinado por Alonso Avellaneda. Depois de Cervantes, transpôs para o português *Fábulas de La Fontaine* (1989), mais uma obra iniciada por seu pai, que havia começado a trabalhar com a obra de trás para frente.⁴¹

A primeira edição do *Quixote* (1983), assim como as de 1984 e 1991, apresentam-se em dois volumes e 370 ilustrações de Gustave Doré. A introdução de Julio Garcia Morejón é uma revisão do seu texto introdutório feito para a tradução de Aquilino Ribeiro (Difel), com parágrafos inteiros idênticos, diferenciando-se essencialmente na apresentação do tradutor brasileiro.

Às vésperas do quarto centenário da obra, celebrado em 2005, Eugênio Amado recebeu o encargo de revisar sua tradução do *Quixote* de 1983. Mais de vinte anos haviam se passado, muita coisa mudara, especialmente em relação a tudo que se relaciona com o labor da tradução e a ampliação das possibilidades de pesquisa através de ferramentas eletrônicas. O livro foi lançado em um só volume de capa dura, com as mesmas ilustrações das edições anteriores, inclusive na capa. A introdução é assinada por Lucílio Mariano Júnior, pseudônimo de Eugênio Amado, também autor do prefácio, que contém uma breve biografia de Cervantes e informações históricas da primeira publicação da obra, em 1605.

³⁹ *Viagens pelos Rios Amazonas e Negro* (1979) de Alfred Russel Wallace e *A Força do Conhecimento: a dimensão científica da sociedade* (1976) de A. John Ziman, ambos publicados pela Itatiaia/EDUSP.

⁴⁰ Ver mais detalhes da entrevista com o tradutor no *Anexo*, em Cobelo (2009).

⁴¹ A partir daí Eugênio Amado iniciaria uma série de traduções de obras de autores de clássicos infantis, como Irmãos Grimm, Lewis Carroll e Hans Christian Andersen. Parece que a tradução dessas obras para crianças o aproximou da tarefa de escritor; ele tem 22 livros infantis publicados.

O texto foi todo revisado, refinado, as notas quadruplicadas (524 notas), mas o esforço passou despercebido por todos os meios de comunicação: sobre o lançamento da tradução de Eugênio Amado revisada por ele mesmo não se encontrou, durante as pesquisas para este trabalho, sequer uma menção na mídia⁴². Só se ficou sabendo da existência dessa edição após contato pessoal e entrevista com Eugênio Amado, que confirmou o desinteresse da editora em divulgar sua nova tradução. O tradutor continua vivendo com sua esposa e filha na sua cidade natal de Belo Horizonte.

A tradução de Sérgio Molina

Segundo as informações nos paratextos das edições do *Quixote* da Editora 34, Sérgio Molina nasceu no ano de 1964 em Buenos Aires, tendo imigrado para o Brasil com a família aos dez anos de idade e morado algum tempo em Barcelona. O século XXI traz um novo tipo de tradutor. Além de todas as diferenças cibernéticas já mencionadas, segundo Lia Wyler (2003: 140) desde a metade do século passado já começaram a ser formados tradutores na universidade. Responsável pela terceira tradução brasileira do *Quixote*, lançada em 2002, ele frequentou cursos na USP na área de Ciências Sociais, Letras, Espanhol e Editoração e começou a traduzir em 1986 autores de língua espanhola como Alejo Carpentier, Mario Vargas Llosa, Tomás Eloy, Ricardo Piglia, Beatriz Sarlo e Jorge Luís Borges (Cervantes, 2002: 735). No paratexto sobre o autor encontrado no segundo livro (2007) são citados também Roberto Arlt, Carmen Martín Gaité, Luis Gusmán⁴³.

A mídia sobre essa nova tradução do *Quixote* está completamente ligada ao quarto centenário. O nome de Sérgio Molina aparece em inúmeras entradas em buscas na Internet⁴⁴. A editora expôs e explorou a figura do tradutor, que além de ser uma figura mais valorizada hoje em dia, nesse caso teria cumprido, de maneira simbólica, um pouco o papel de “representante” do escritor, inclusive concedendo a inúmeras entrevistas e participando de palestras e debates sobre a obra na celebração dos seus

⁴² Essa informação procede do resultado desta investigação. Em breve será feita uma pesquisa sobre essas traduções focando a mídia impressa, mas o próprio tradutor, durante a entrevista, confirmou o desinteresse da editora em divulgar a nova tradução de 2005.

⁴³ No portal da editora Martins Fontes Molina é chamado de “tradutor autodidata”. Informam que traduziu cerca de cinquenta títulos do castelhano para o português brasileiro, sobretudo prosa narrativa espanhola e hispano-americana, e que atualmente concilia a atividade de tradução com a de edição. Disponível em: http://www.martinseditora.com.br/detalhes_BiografiaTradutores.asp?id=41. Acesso em 12 jul. 2009.

⁴⁴ Uma simples busca com o nome do tradutor, Sérgio Molina, mais o nome da obra, *Quixote*, e selecionando o país Brasil na busca avançada, traz mais de seiscentas entradas no Google (julho 2009).

quatrocentos anos. A maior parte das informações coletadas sobre o processo tradutório de Molina provém da já mencionada entrevista concedida a Dirceu Villa, Ivone Benedetti e Irene Hirsch que foi publicada em *Cadernos de Literatura em Tradução* 5 (2003).

Trata-se da primeira edição bilíngue brasileira da obra⁴⁵, decisão que Molina atribui unicamente ao editor [Aluizio Leite?], e justifica: “acho que faz sentido oferecer o texto do *Quixote* em espanhol para aqueles leitores que têm algumas noções do idioma ou até que o lêem fluentemente, que são cada vez mais numerosos” (Villa, Benedetti & Hirsch, 2003: 165). Molina discorre sobre a opção da estratégia de tradução e como chegou a uma solução intermediária⁴⁶, pois a proposta inicial do editor era fazer “uma versão que privilegiasse o contexto de chegada [...]” (ibid., p.167).

O tradutor do *Quixote* confessa ter levado certo tempo para descobrir o “atalho”, a tradução que proporcionasse ao leitor do século XXI “um texto legível, agradável, gostoso, fluente, com todas as qualidades de uma tradução, sem trair um certo espírito da época, sem falsear demais a linguagem da época” (Villa, Benedetti & Hirsch, 2003: 168). Para ele as “traduções disponíveis não conseguiam fazer a ponte. [...] não chegavam ao público contemporâneo” (ibid., p.160), e mais adiante explica melhor essa “ponte com o castelhano do século XVII, fazendo-se a triangulação entre o ‘brasileiro’ contemporâneo, o português clássico e idioma de Cervantes” (ibid., p. 166, aspas dos autores).

Molina explica que só teria conseguido seu objetivo ao “reconhecer as semelhanças entre o nosso português clássico, entender que o ritmo dos textos do século

⁴⁵ Acredita-se que seja a única em português, mas não foram estudadas aqui todas as edições feitas em Portugal.

⁴⁶ O próprio tradutor afirma isso na entrevista: *Cadernos (CLT)*: “Então ou você aborda a tradução a partir dos pressupostos que orientaram a própria obra ou você faz a tua tradução tentando trazer a obra até o leitor, adequando a obra ao leitor. O que você fez? SM: Não fiz nem uma coisa nem outra. Ou as duas juntas. [...] pude intuir que uma tradução equilibrada teria que se mover entre as três estratégias [proposta adaptativa, arcaizante e literalidade]” (Villa, Benedetti e Hirsch, 2003: 167). Porém na contracapa encontra-se um texto que remete ao conceito de estrangeirizar: “Publicado em 1605, *D. Quixote* chega finalmente à nossa língua numa versão que faz jus à riqueza do original. Esta nova tradução, realizada por Sérgio Molina a partir da mais completa edição crítica da obra, reproduz o ritmo, as modulações e os matizes cômicos característicos de Cervantes, recuperando para o leitor de hoje toda a graça e o encantamento deste que é considerado o primeiro romance moderno” (Cervantes, 2005: contracapa). Mesmo assim, Molina reconhece que: “Existe um limite de estranheza que eu não posso ultrapassar. Tenho que tomar muito cuidado com isso, porque corro o risco de também gerar dificuldades de leitura desnecessárias, sem correspondência com o original” (Villa, Benedetti e Hirsch, 2003: 167). Na opinião dos entrevistadores, o mérito dessa tradução seria sua aproximação com o texto de Cervantes: “[...] maior fidelidade ao original e ao mesmo tempo trazer ao leitor moderno brasileiro alguma coisa que seja bastante compreensível, capaz de levá-lo ao núcleo do *Quixote*” (ibid., p. 174, itálicos dos autores).

XVII é muito semelhante ao ritmo que a gente imprime à fala brasileira hoje” (ibid., p. 168). Evitou “traços que marcam o português europeu moderno, que não se encontram nos escritos do período clássico” (p. 168). Perguntado sobre como marcou as diferenças dialetais, ele menciona a recriação da *fabla*, “um dialeto literário, que só existe nas novelas de cavalaria, e que Cervantes faz uma montagem deliberada, que não é a *fabla* ‘pura’. [...] A linguagem do Sancho também vai se modificando por imitação” (ibid., p. 169)⁴⁷.

Discorrendo sobre seu método de trabalho, Molina conta que deixou os poemas para o final, em especial os preliminares, e que foi muito auxiliado pelos revisores, Alexandre Barbosa de Souza e Cide Piquet, a ponto de afirmar que alguns poemas teriam sido “feitos a dois, em inteira colaboração” (ibid., p. 158).

As 382 notas teriam sido embasadas nas notas da edição de partida, organizada por Francisco Rico e editada pelo Instituto Cervantes (Barcelona: Editorial Crítica, 1998)⁴⁸ e nas edições organizadas por Martín de Riquer (Barcelona: Círculo de Lectores, 1987) e a francesa de Jean Cannavagio (Paris: La Pléiade, 2002) (Molina in Cervantes, 2002: 731).⁴⁹

O volume, em brochura, tem apenas vinte gravuras de Doré, e conta com um ensaio da Profa. Maria Augusta da Costa Viera (FFLCH/USP), além do Posfácio do Tradutor, uma breve biografia de Cervantes, de Gustave Doré e do tradutor Sérgio Molina⁵⁰. A tradução do primeiro livro foi reeditada em 2003, 2005 e 2007, e a edição de 2008 está esgotada, segundo o portal da editora 34⁵¹. Lá também informam que a “tradução para a primeira parte do Quixote foi premiada na 46ª edição do Prêmio Jabuti [menção honrosa, 3º lugar], em 2004” (s.p).

O segundo livro foi publicado dois anos após o quarto centenário, em 2007, em brochura, também com texto introdutório pela mesma cervantista brasileira. O apoio do

⁴⁷ Ver aqui a observação sobre polilinguismo em Berman (2005:279): “*Don Quixote*, for example, gathers into itself the plurality of Spanish ‘languages’ during its epoch, from popular proverbial speech (Sancho) to the conventions of chivalric and pastoral romances. Here the languages are intertwined and mutually ironized” (Berman, 2005:279, aspas e itálicos do autor).

⁴⁸ CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote*. Francisco Rico (Ed.). Barcelona: Instituto Cervantes/Editorial Crítica, 1998.

⁴⁹ Na entrevista feita por Dirceu Villa, Ivone Benedetti e Irene Hirsch (2003: 162), Molina informa trabalhar unicamente com o par linguístico espanhol-português, e discorre sobre a elaboração das notas: “eu não fiz essas notas sozinho, pois me baseei nas edições anteriores. [...] A minha contribuição a essa corrente é a seleção, adaptação e mistura de dados”.

⁵⁰ E um endereço de e-mail, fazendo uma ponte inédita e muito atualizada entre o tradutor e o leitor. Infelizmente esse recurso foi abolido no segundo livro.

⁵¹ Disponível em: <http://www.editora34.com.br>. Acesso em 4 jul. 2009.

governo da Espanha é diferente daquele indicado no primeiro livro⁵², como também as edições de referência⁵³.

O tradutor confirma receber direitos autorais pelo seu trabalho com o *Quixote*, graças a um acordo firmado com a editora, uma exceção no mundo editorial.

A tradução de Carlos Nougé e José Luis Sánchez

A quarta tradução brasileira foi a primeira feita por uma dupla binacional, visto que Carlos Nougé é brasileiro e José Luis Sánchez nasceu em Barcelona, em 1963. Segundo o portal Lattes⁵⁴, Sánchez é graduado em Tradução e Interpretação, doutor em Filologia Galaico-portuguesa e doutor em Teoria da Tradução pela Universidad Autónoma de Barcelona. Coordena e leciona nos cursos de Pós-Graduação (*lato sensu*) em Tradução de espanhol e inglês da Universidade Gama Filho⁵⁵. É autor de cinco dicionários de português-espanhol. Traduziu para o espanhol autores como Machado de Assis, José de Alencar, Lima Barreto, Clarice Lispector, Vinicius de Moraes e Lygia Fagundes Telles e possui experiência em tradução técnica e interpretação simultânea.

Em comunicação pessoal, via *e-mail*, José Luis Sánchez percorreu um pouco sobre a tradução da obra cervantina e o “aval” de instituições espanholas. Segundo ele, a Academia de Letras “lançou uma nova versão [do *Quixote*], tendo em conta alguns erros de interpretação pela mudança da linguagem em todos esses anos” (Sánchez apud Cobelo, 2009: 140). Essa versão teria conseguido um texto mais compreensível, sem perder o sabor da época, e os tradutores teriam buscado o mesmo na tradução para o português. Ele confirma o aval da “Comissão do IV Centenário, formada por acadêmicos e membros do governo, e o Instituto Cervantes, [...] e que fosse a única tradução avalizada, foi uma grande honra para nós” (ibid.).

Carlos Nougé nasceu no Rio de Janeiro em 1952, viveu dois anos em Montevidéu e hoje vive em Nova Friburgo. Segundo sua biografia disponibilizada no

⁵² Transcrição da página de verso do rosto: “A presente tradução foi realizada graças ao apoio da Direção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas do Ministério da Educação, Cultura e Desportos da Espanha” (Cervantes, 2007: 4).

⁵³ “O texto em espanhol de *D. Quixote* que integra este volume teve por base o estabelecido nas edições de Florêncio Sevilla Arroyo e Antonio Rey Hazas (Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 1993), Martín de Riquer (Barcelona, Planeta, 1997), Francisco Rico (Barcelona, Instituto Cervantes/Galaxia Gutenberg, 2004) e Celina Sabor de Cortázar e Isaías Lerner (Buenos Aires, Eudeba, 2005) – cotejadas com a edição *princeps* de 1615 –, refletindo as opções do tradutor em face das diversas variantes adotadas em cada uma delas” (Cervantes, 2007:27, itálicos no original).

⁵⁴ Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=T221239>. Acesso em 13 jul. 2009.

⁵⁵ Disponível em: <http://www.traduespanhol.info/>. Acesso em 02 jul. 2010.

*Ditra*⁵⁶, ele “estudou Filosofia na Escola Teológica do Mosteiro de São Bento” (2005: s.p.) e é professor de Língua Portuguesa e Filosofia Medieval. Em 1988 teria começado a traduzir textos do espanhol, latim, francês e inglês. Recebeu o Prêmio Jabuti em 1993 por sua tradução de *Cristóvão Nonato*, de Carlos Fuentes. Sobre sua produção como tradutor, existem divergências nas informações. O *Ditra* menciona um número ao redor de 40 obras e a organização de dois livros. Em sua entrevista ele afirma: “alguém que viveu quase toda a vida de tradução, com mais de 400 traduções em cerca de 30 anos...” (Nougué apud Cobelo, 2009: 243). Antes da tradução de Cervantes, havia trabalhado com clássicos como Quevedo, Miguel Hernández, Cícero, Sêneca, Santo Agostinho e Balzac.

O primeiro livro do *Quixote* foi publicado pela editora Record em 2005. É uma edição brochura, sem ilustrações e com uma breve apresentação assinada por Francisco Corral, diretor do Instituto Cervantes-RJ⁵⁷. O tradutor Carlos Nougué explica como foi o processo tradutório: ele, por ser brasileiro, fez o primeiro esboço, “num português à Gil Vicente, Camões e Padre Antônio Vieira, além de traduzir poeticamente os poemas” (Nougué apud Cobelo, 2009: 138). Sánchez, que é espanhol, não só revisou como corrigiu o sentido, baseando-se nas muitas edições críticas da obra de Cervantes. Segundo Nougué, o fato mais curioso foi terem feito a tradução vivendo ele no Uruguai e Sánchez na Espanha, e sem maiores problemas, “nada que Internet e telefone não pudessem resolver” (Ibid.).

Em várias referências, inclusive no portal da editora Record⁵⁸, aparece a informação de que essa tradução seria a “primeira tradução para o português avalizada pelo Instituto Cervantes e pela Comissão IV do Quarto Centenário, criada em 2005 pelo Governo da Espanha para comemorar quatrocentos anos da publicação da primeira parte do *Quixote*”⁵⁹. Nas referências⁶⁰ sempre aparecem trechos da Nota dos Tradutores, texto

⁵⁶ Disponível em: <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/CarlosNougue.htm>. Acesso em 13 jul. 2009.

⁵⁷ Transcrição do trecho final: “Uma nova tradução supõe sempre um novo desafio, pois nasce coma a responsabilidade de ter que superar todas as anteriores em qualidade e em precisão. Neste caso, o fato de ter sido realizada em equipe por dois respeitados tradutores, um brasileiro e um espanhol (Carlos Nougué e José Luis Sánchez), constitui a melhor garantia e o melhor augúrio para predizer que traduzirá ao belo acento brasileiro da língua de Camões toda a enorme riqueza de matizes, sentidos, sugestões, contrasensos, intenções e segundas intenções que Miguel de Cervantes logrou conceber e plasmar nesta obra-prima da literatura universal” (Corral in Cervantes 2005:12).

⁵⁸ Disponível em: http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=19278. Acesso em 13 jul. 2009.

⁵⁹ O portal Observatório Literário chama a tradução da Record de “primeira tradução oficial para o português” e mencionam o mesmo *press release* sobre o aval do Instituto Cervantes/Comissão IV centenário. O título da resenha é: “Brasil ganha tradução oficial de D. Quixote”. Disponível em: http://www.bestiario.com.br/observatorio/livros_jorge_de_dom_quixote.html. Acesso em: 3 dez. 2008.

introdutório da edição, assinado por Nougé e Sánchez, no qual discutem suas dificuldades e opções tradutórias⁶¹, como manter as inversões sintáticas do estilo de Cervantes, assim como tudo que “morfológica e sintaticamente fosse igual comum ao espanhol e ao português de então [...]” (Nougé & Sánchez, 2005:15). Os tradutores explicam que só utilizaram palavras que surgiram no português até o século XVII. Os editores esclarecem em nota, que as 41 notas de rodapé foram feitas pelos tradutores, embasados tanto nas notas do Instituto Cervantes, como na edição do *Quijote* pela Real Academia Española e pela editora Alfaguara, em 2004. A tradução de Nougé e Sánchez também obteve atenção da mídia; aparece em vários artigos⁶², embora não tanto como a edição da Editora 34, sendo alvo de bastante divulgação não só durante as celebrações do quarto centenário da primeira edição da obra, como também em eventos como a 19ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em 2006. Nesse mesmo ano, a tradução foi finalista do Prêmio Jabuti. Na sua entrevista, Nougé anunciou o lançamento da tradução do segundo livro para o final de 2009, mas até julho de 2010 a previsão não havia sido confirmada.

As edições do *Quixote* publicadas no Brasil

Foi feito um estudo historiográfico das edições da obra no país, desde a primeira — a tradução portuguesa feita pelos Viscondes e Chagas, publicada em 1942/43 — até a mais recente tradução bilíngue feita por Sergio Molina em 2005, com reimpressão em 2008. Foram recolhidos dados como ano de publicação, editora responsável, tradutor(es), número de páginas, existência e autoria de ilustrações, assim como a existência de paratextos. Essas informações foram resumidas na forma de um catálogo, que é apresentado a seguir. Também foi elaborada uma tabela com as edições e reimpressões do *Quixote* e comparadas as percentagens de edições por tradutor.

⁶⁰ NOVA TRADUÇÃO... (2008), SOUZA (2006), O ENGENHOSO... (2008), assim como em publicações jornalísticas, como a revista *Veja*, publicado 18 jan. 2006. Disponível em: http://veja.abril.com.br/180106/veja_recomenda.html. Acesso em 29 jan. 2009.

⁶¹ Fragmento do texto: “Em que português verter o *Quixote*? Pô-lo em português moderno não seria propriamente traduzir, mas adaptar. Não era essa nossa proposta. Pretendíamos traduzi-lo resolvendo uma como ‘equação de três incógnitas’: como escreveria Cervantes o *Quixote* no português de sua época, mas sem perder o sabor hispânico de então e, ainda, de modo compreensível para o leitor de hoje?” (Nougé e Sánchez, Cervantes, 2005:13, itálico dos autores). Notar as semelhanças com o discurso de Molina, em especial na entrevista ao CLT, que diz que manterá as construções sintáticas no segundo livro mesmo que pareçam espanholizantes, algo que soaria como os escritos do português clássico (Villa, Benedetti e Hirsch, 2003:173).

⁶² Fazendo uma busca no Google (13 jul. 2009) com o nome do tradutor entre aspas + Quixote, selecionando idioma português: Carlos Nougé, 138 entradas, José Luis Sánchez, 112.

Catálogo das traduções do Quixote publicadas no Brasil⁶³

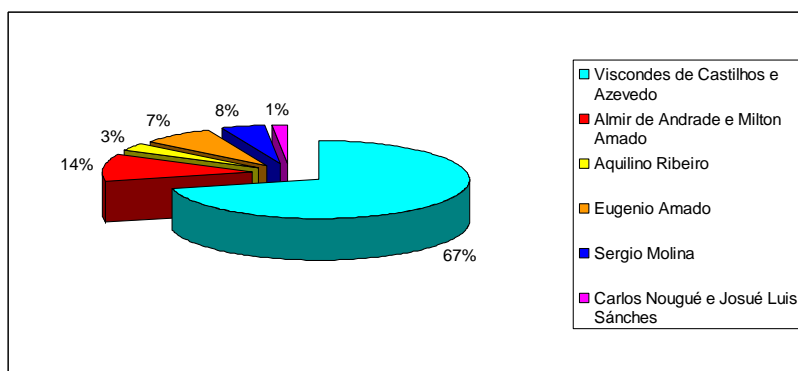
Ano	Editora	Tradutor	Descrição	Páginas
1942	Edições Cultura	Viscondes / Chagas	Pref.: José Pérez - Vol. I - Ilustrações: Tarsila do Amaral	586
1943	Edições Cultura	Viscondes / Chagas	Pref.: José Pérez - Intr.: Luis Amador Sánchez - Vol. II	614
1945	Edições Cultura	Viscondes / Chagas	Reimpressão - Dois Vol.	614
1948	W.M.Jackson	Viscondes / Chagas	Pref.: Federico de Onís - Dois Vol.	465 cd
1949	W.M.Jackson	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1952	José Olympio	Andrade e Amado	Pref.: Luís da Câmara Cascudo - Intr.: José Brito Broca - Ilustr.: Gustave Doré - Cinco Vol.	1864
1952	W.M.Jackson	Viscondes / Chagas	Reimpressão	1864
1954	José Olympio	Andrade e Amado	Tradução revisada e acréscimo de NT. por Milton Amado	
1955	Atena	Viscondes / Chagas	Pref.: Luis Amador Sánchez - Dois Vol.	
1955	Logos	Viscondes / Chagas	Ilustrações: Gustave Doré - Dois Vol.	
1955	Tietê	Viscondes / Chagas	Comentários e NT.: Artur Neves - Ilustr.: Gustave Doré (356) e outros - Quatro Vol.	201 (vol.1)
1956	W.M.Jackson	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1957	Edigraf	Viscondes / Chagas	Ilustr.: Gustave Doré - Três Vol.	
1957	Logos	Viscondes / Chagas	Reimpressão - Três Vol. - Ilustrações : Gustavo Doré	1226
1958	José Olympio	Andrade e Amado	Reimpressão e acréscimos de NT. por Milton Amado	1854
1958	Círculo do Livro	Andrade e Amado	Prefácio Otto Maria Carpeaux - Ilustrações Gerhat Kraaz	
1960	Edigraf	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1960	José Aguilar	Viscondes / Chagas	Textos: Julio Cejador y Frauca, Justo García Soriano, Justo García Morales - Vol. Único	1150
1960	W.M.Jackson	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1963	Difusão Européia do Livro	Aquilino Ribeiro	Intr.: Julio García Morejón - Pref.: Aquilino Ribeiro - NT. Maurice Bardon - Dois Vol.	466/473
1964	W.M.Jackson	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1967	Difusão Européia do Livro	Aquilino Ribeiro	Reimpressão	
1970	W.M.Jackson	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1973	José Olympio	Andrade e Amado	Reimpressão	
1975	Abril Cultural	Viscondes / Chagas	Vol. Único - NT. José Maria Castro Calvo traduzidas por Fernando Nuno Rodrigues	609
1978	Abril Cultural	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1978	Círculo do Livro	Viscondes / Chagas	Intr.: Otto Maria Carpeaux - Ilustr.: Gerhat Kraaz - Vol. Único - NT.: Castro Calvo/Rodrigues	863
1980	Círculo do Livro	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1980	Otto Pierre	Viscondes / Chagas	Ilustr.: Gustave Doré - Dois Vol.	310/352
1981	Abril Cultural	Viscondes / Chagas	Reimpressão	

⁶³ Abreviações: Intr.: Introdução, Pref.: Prefácio, Vol.: Volume, NT: Notas de rodapé,

1981	Círculo do Livro	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1981	Abril Cultural	Viscondes / Chagas	NT José Maria Castro Calvo traduzidas por Fernando Nuno Rodrigues	
1983	Círculo do Livro	Viscondes / Chagas	Reimpressão - Dois Vol.	440/422
1983	Civilização Brasileira	Viscondes / Chagas	Intr.: Otto Maria Carpeaux - Ilustr.: Gerhat Kraaz - Vol. Único - NT.: Castro Calvo/Rodrigues	863
1983	Itatiaia	Eugênio Amado	Intr. : Julio García Morejón - Ilustr.: Gustavo Doré (370) - Dois Vol.	491/531
1984	Cultura Universal	Viscondes / Chagas	Pref.: Federico de Onís - Dois Vol.	
1984	Itatiaia	Eugênio Amado	Reimpressão	
1987	Círculo do Livro	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1990	Nova Cultural	Viscondes / Chagas	Reimpressão	609
1990	Círculo do Livro	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1991	Villa Rica	Eugênio Amado	Reimpressão	
1992	Círculo do Livro	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1993	Círculo do Livro	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1993	Nova Aguilar	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1993	Nova Cultural	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1995	Nova Cultural	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1997	Villa Rica	Eugênio Amado	Reimpressão	
1998	Nova Cultural	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1998	Ediouro	Andrade e Amado	Intr.: Brito Broca - Dois Vol.	556/651
1998	Publifolha/Ediouro	Andrade e Amado	Intr.: Brito Broca - Dois Vol.	560/556
2002	Ediouro	Andrade e Amado	Intr.: Brito Broca - Ilustrações: Gustave Doré - Três Vol. Apresentação: Maria Augusta da Costa Vieira - Ilustr.: Gustave Doré (20) - 1º Livro	678/679/467
2002	Editora 34	Sergio Molina		736
2002	Nova Cultural	Viscondes / Chagas	Reimpressão	690
2003	Editora Pradense	Viscondes / Chagas	Intr.: Ricardo Stefani - Vol. Único	
2003	Editora 34	Sergio Molina	Reimpressão - Primeiro Livro	
2003	Nova Cultural	Viscondes / Chagas	Reimpressão	690
2004	Ediouro	Andrade e Amado	Reimpressão	
2004	Nova Aguilar	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
2005	Ediouro	Andrade e Amado	Reimpressão	
2005	Editora 34	Sergio Molina	Primeira Parte Apresentação: Maria Augusta da Costa Vieira - Ilustr.: Gustave Doré	736
2005	Martin Claret	Viscondes / Chagas	Ilustr.: Gustave Doré - Dois Vol.	592/624
2005	Record	Nougé e Sánchez	Apresentação: Francisco Corral - NT. dos tradutores: Nougé e Sánchez - 1º Livro	570
2005	L & PM	Viscondes / Chagas	Notas traduzidas por Fernando Nunos Rodrigues - Dois Vol.	511/518
2005	Villa Rica	Eugênio Amado	Tradução revisada - Intr.: / Pref.: Eugênio Amado - Ilustr.: Gustave Doré - Vol. Único	994

2006	L & PM	Viscondes / Chagas	Reimpressão	736
2007	eBooksBrasil	Viscondes / Chagas	Nota do Editor: Teotonio Simões - Texto: Rudolf Rocker - Dois Vol.	919/ ?
2007	Editora 34	Sergio Molina	Segunda Parte Apresentação Maria Augusta da Costa Vieira - Ilustr.: Gustave Doré	856
2007	Editora 34	Sergio Molina	Reimpressão - Primeiro Livro	736
2007	Martin Claret	Viscondes / Chagas	Reimpressão	592/624
2007	L & PM	Viscondes / Chagas	Reimpressão	511/518
2008	Martin Claret	Viscondes / Chagas	Reimpressão	592/624
2008	Editora 34	Sergio Molina	Reimpressão - Primeiro Livro	736

Participação por tradutor(es) nas várias edições em português



Das 72 edições, a tradução Visconde/Chagas, editada 48 vezes, corresponde a 67% do total, um número muito alto, considerando que a tradução portuguesa do século XIX só aparece em cinco edições antes da primeira tradução brasileira publicada pela José Olympio, em 1952. Nesse caso fica evidente a opção, mais econômica, por uma tradução que não exige pagamento de direitos autorais a tradutores ou editores. Cria-se uma situação paradoxal na qual, mesmo existindo traduções mais próximas ao universo contemporâneo do leitor, este, muitas vezes, é obrigado a ler a obra em uma versão de dois séculos atrás, escrita em português de Portugal, especialmente se depender de uma biblioteca pública⁶⁴.

⁶⁴ Pelas pesquisas feitas, a tradução Viscondes/Chagas é a mais encontrada nas bibliotecas públicas — a edição de 2002 da Nova Cultural é a que mais aparece, foi adquirida em 41 bibliotecas do CEU e três outras bibliotecas públicas — seguida por algumas edições da tradução da José Olympio. Não foi encontrada nenhuma tradução do século XXI em bibliotecas públicas de São Paulo (exceção para a biblioteca da FFLCH/USP, com exemplares conseguidos pela Profa. Maria Augusta da Costa Vieira e pelo Programa de Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-americana), nem na Biblioteca Nacional. Conferir em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/sobre_biblioteca e <http://catalogos.bn.br>. Acesso em 08 maio 2009.

Em segundo lugar, bem afastada, está a primeira tradução brasileira, de Andrade/Amado, com dez edições (14%). A tradução de Eugênio Amado contribui com cinco edições (7%), menos que a tradução contemporânea bilíngue de Molina, com participação de 8%, e se considerarmos que a primeira edição dessa versão é recente, parece estar crescendo rápido e certamente modificará esse panorama dentro de alguns anos.

A tradução de Nougé/Sánchez, a única feita por profissionais com graduação e atuação acadêmica em tradução, tem a porcentagem prejudicada por ter sido editada uma única vez e por não ter saído ainda a tradução do segundo livro. No portal da editora, agora denominada Grupo Editorial Record⁶⁵, são informados seus nove selos. Muitos deles eram antigas editoras/selos incorporados, e em seus catálogos estão três diferentes traduções do *Quixote*, Andrade/Amado, da José Olympio, a de Aquilino Ribeiro, da Difel e a Viscondes/Chagas, editada pela Civilização Brasileira. Mesmo tendo direito de lançar alguma tradução lançada por alguma de esses seus selos, a editora preferiu encomendar uma tradução nova, demonstrando uma nova atitude editorial quanto à importância de uma nova tradução de uma obra canônica mesmo na existência de outras, inclusive contemporâneas.

Quadro comparativo das seis traduções e o texto de Cervantes

Para dar apenas um exemplo das diferenças entre as traduções, coteja-se um trecho do capítulo XV do primeiro livro do *Quixote*, em um dos momentos em que Sancho Pança encadeia um provérbio atrás do outro, como numa “avalanche”, artifício utilizado, com essa intensidade, em sete capítulos da obra. As notas de rodapé foram transcritas e incluídas nas notas deste artigo.

- Ni yo lo digo ni lo pienso – respondió Sancho -. Allá se lo hayan, con su pan se lo coman.⁶⁶ si fueron amancebados o no, a Dios habrán dados la cuenta. De mis viñas vengo, no sé nada,⁶⁷ no soy amigo de saber vidas ajenas, que el que compra y miente, en su bolsa lo siente. Cuanto más, que desnudo nací, desnudo me hallo: ni pierdo ni gano.⁶⁸ Mas que lo fuesen

⁶⁵ Disponível em: <http://www.record.com.br/>. Acessado em 07 jul. 2009.

⁶⁶ Nota Rico: “Todo el parlamento de Sancho es una retahíla de refranes, cuyo significado es ‘A mí qué más me da’”. (Cervantes, 2004:233, aspas do autor).

⁶⁷ Nota Rico: “Provérbio que indica que alguém se desentende o no le importa lo que pasa; parece provenir de algún cuentecillo. El discurso entero de Sancho es una sarta de refranes, en la que todos vienen a significar lo que se dice al cerrarla: ¿qué se me da a mí?” (Cervantes, 2001: 273).

⁶⁸ Nota Rico: “Sancho vuelve a repetir ese refrán de reminiscencias bíblicas varias veces en la Segunda parte” (Cervantes 2001:273).

¿qué me va a mí? Y muchos piensan que hay tocinos, y no hay estacas.⁶⁹ Mas ¿quién puede poner puertas al campo?⁷⁰ Cuanto más que de Dios dijeron⁷¹

- ¡Válame Dios – dijo don Quijote – y qué de necedades vas, Sancho, ensartando! ¿Qué va de lo que tratamos a los refranes que enhilas?
(Cervantes, 2001: 273; 2004: 233)

Nem eu o digo, nem tal cuido, respondeo Sancho; **lá se hajaõ elles; com paõ o comaõ**; se andarão, ou não mal encaminhados, a Deos teraõ dado conta: **que eu das minhas vinha venho, e não sei nada**; taõ pouco sou amigo de saber das vidas alheias; **que quem compra, e mente na bolça o sente**; e **demais disso, se nu nasci, nu aqui me acho, nem perco, nem ganho**; e quando o andassem, que me dá a mim disso? **Muitos há que cuidaõ que ha de pôr portas ao campo? Muitos mais disseraõ de Deos**. Valha-me Deos, disse D. Quixote, que sandices vais ahi enfiando: que tem o que estamos tratando, meu Sancho, com os proverbios com que vens? (Cervantes, tradução anônima, 1794: 46)

- Eu cá não o profiro nem o penso – respondeu Sancho –, **os outros lá se avenham; e se maus caldos mexerem, tais os bebam**. Se foram amancebados ou não, contas são essas que já dariam a Deus; **não sei nada⁷², das minhas vinhas venho**. Que me importam vidas alheias? **Quem compra e mente na bolsa o sente; quanto mais, que nu vim ao mundo, e nu me vejo; nem perco nem ganho**. E também que o fossem, que me faz isso a mim? **Há muitos que pensam encontrar toicinhos e não há nem estacas; mas quem pode ter mão em línguas de praguentos, se nem Cristo se livrou delas?**

- Valha-me Deus! – disse Dom Quixote. – Que de tolices vais enfiando, Sancho! que tem que ver o nosso caso com os adágios que estás arreando? (Cervantes, tradução Viscondes/Chagas, 1987: 139)

- Eu não digo, nem penso – respondeu Sancho; - **êles que lá se avenham e com as usas linhas se cosam**; pouco se me dá se foram amancebados, ou não; prestarão contas a Deus. **Venho das minhas vinhas, de nada sei**; não sou amigo de farejar vidas alheias, **pois quem compra e mente, na sua bôlsa o sente. Tanto mais que nasci nu e nu me encontro; não perco, nem ganho**. Também, se o fôssem, que me importaria a mim? **Muitos pensam que há toicinhos onde só há espetos. E quem pode pôr cobro às más línguas, depois do que disseram do próprio Deus?**

- Valha-me Nosso Senhor! – exclamou Dom Quixote. – Quantas tolices vais aí desfiando, Sancho! Que tem que ver o de que tratamos com os refrãos que numeras? (Cervantes, tradução Andrade/Amado, 1958:397-398)

⁶⁹ Nota Rico: “Refrán: ‘muchos suponen algo de alguien sin ningún fundamento’; *tocinos*: hojas de la canal del cerdo’, que se salaban y se conservaban colgadas de *estacas* clavadas en la pared” (2001: 273 aspas e itálicos do autor).

“‘las apariencias engañan’; el dicho tiene su origen en la costumbre de colgar de unas estacas las piezas de tocino salado” (Cervantes, 2004: 233, aspas do autor).

⁷⁰ Nota Rico: “‘¿quién puede poner límites a la libertad?’” (Cervantes, 2001 e 2004, aspas do autor).

⁷¹ Nota Rico: “La frase proverbial es ‘Déjalos que digan, que aun de Dios dijeron’, para despreciar al maldiciente o a las maledicencia; *digan*: ‘murmuren’” (Cervantes, 2001: 273, aspas e itálicos do autor). ‘que incluso de Dios murmuraron’. La acumulación de refranes que siempre se recuerda como característica de Sancho aparece aquí por primera vez, “pero este primer chorreo queda aislado, y Cervantes ya no volverá a él hasta la Segunda parte (Fernando Lázaro Carreter, in Cervantes 2004: 233)

⁷² Nota Viscondes/Chagas: “Para escusar-se do mal feito” (Cervantes, 178: 139).

- Eu cá não digo nem penso nada – acudiu Sancho. – **Lá se avenham. Sua alma, sua palma.** Se se porquearam juntos, a Deus terão de dar contas. **Não gosto de meter o nariz na vida alheia. Quem compra e mente, na bolsa o sente. Olhe, meu senhor, por mim tanto se me dá como se me deu. Onde elas se fazem, lá se pagam.** Que fôssem amigos, que tenho eu lá com isso?! **Não há dúvida, quase sempre são mais as vozes que as nozes. Quem pode calar as bocas do mundo?! Pois não disseram mal de Cristo e mais era Deus?!**

- Santo Breve da marca – exclamou D. Quixote – para asneiras és um barra! De todo chorrilho de rifões nenhum acertou a carapuça (Cervantes, tradução Ribeiro, 1963: 214).

- Tal coisa eu não digo nem penso – respondeu Sancho; - **eles que por lá se avenham, e que cada qual coma do seu próprio pão;** se foram amancebados ou não, contas a Deus prestarão. **De minhas vinhas cheguei, e de nada sei;** não sou amigo de me intrometer nas vidas alheias, **pois quem compra e mente, na sua bolsa é que sente. Tanto mais que pelado nasci e pelado me encontro; não perco nem ganho.** De mais, se o fossem, a mim que me importa? **Muitos pensam que há toicinho onde não existe espeto. E quem pode colocar porteiras no campo? Tanto mais, que até ao próprio Deus difamaram...**

- Valha-me Deus! – exclamou Dom Quixote.- Quantos disparates vais aí desfiando, Sancho! Que tem a ver o que tratamos com os refrãos que desembuchas? (Cervantes, tradução Eugênio Amado, 1991: 220-221)

- Tal coisa eu não digo nem penso – respondeu Sancho; - **eles que por lá se avenham, e que cada qual coma do seu próprio pão.** Se foram amancebados ou não, contas a Deus prestarão. **De minhas vinhas venho e de nada sei;** não sou amigo de me intrometer nas vidas alheias, **pois quem compra e mente, na sua bolsa é que sente. Tanto mais que pelado nasci e pelado me encontro; não perco nem ganho;** de mais, se o fossem, a mim que me importa? **Muitos pensam que há toicinho onde nem espeto existe. E quem pode colocar porteiras no campo? Tanto mais, que até do próprio Deus andaram falando mal...**

- Valha-me Deus! – exclamou dom Quixote. – Quantos disparates vais aí desfilando, Sancho! Que tem a ver o que tratamos com os refrãos que encadeias? (Cervantes, tradução Eugênio Amado, 2005:229-231)

- Eu aqui não digo nem penso – respondeu Sancho. – **Eles lá que se amanhem e colham sua sementeira:** se viveram ou não amancebados, a Deus que prestem contas. **Eu sigo meu trilho, não sei de nada** nem sou amigo de saber as vidas alheias, **pois quem compra e mente, na bolsa o sente. Quanto mais, que nu nasci e nu estou: não perco nem ganho.** E se eles acaso o fossem, que teria eu com isso? **Pois às vezes são mais as vozes que as nozes. Mas quem pode pôr rédeas ao vento? Quanto mais, que até Deus foi malfalado.**

- Valha-me Deus, Sancho – disse D. Quixote -, que fieira de necedades! Que tem que ver o que tratamos com os ditados que desfias? (Cervantes, tradução Sérgio Molina, 2005: 325)

- Eu cá não digo nem penso – respondeu Sancho. – **Eles lá que saibam as linhas com que se cosem,**⁷³ pouco se me dá: se foram amancebados ou não, a Deus terão prestado contas. **Eu sigo o meu caminho, não sei de nada,** não sou amigo de me meter na vida alheia, **pois quem mexe em vespeiro, picado sairá. Tanto mais que nu nasci, nu estou: não perco nem ganho.** Mas, se o eram, que me importa a mim? **E nem tudo o que reluz é ouro. Mas quem pode pôr travas ao vento? Tanto mais que até de Deus murmuraram.**⁷⁴

- Valha-me Deus – disse D. Quixote -, que de necedades, Sancho, estás enfiando! Que tem que ver o que tratamos com os provérbios que estás desfiando? (Cervantes, tradução Nougé/Sánchez, 2005: 260)

⁷³ Nota de Nougé/Sánchez: “QUE SAIBAM AS LINHAS COM QUE SE COSEM: ‘que conheçam os apuros em se vêem’” (Cervantes, tradução Nougé/Sánchez, 2005:260, maiúsculas e aspas dos autores).

⁷⁴ Nota de Nougé/Sánchez: “Aparece aqui pela primeira vez uma das mais marcantes características de Sancho, qual seja, o expressar-se por meio de seqüências vertiginosas de provérbios e expressões. Esta característica, porém, só voltará a aparecer, e com toda a força, no livro II” (Cervantes, tradução Nougé/Sánchez, 2005: 260, caixa alta e aspas dos autores).

Considerações finais

Ao analisar os paratextos e/ou metatextos sobre as diferentes traduções dentro do ponto de vista de estratégias e opções de tradução e dos conceitos de estrangeirização e domesticação⁷⁵ notam-se algumas coincidências entre o que é dito, como também certas discrepâncias entre a proposta inicial e o resultado obtido. As traduções do *Quixote* poderiam, à primeira vista, ser classificadas como antigas, ou seja, mais próximas ao leitor contemporâneo da edição, ou recentes, ou seja, mais próximas ao texto, mas não é essa a conclusão a que se chega ao fim da apreciação do cotejo.

A tradução anônima é criticada em um metatexto⁷⁶ sobre a tradução dos “escrupulosos” Viscondes/Chagas. Embora a tradução de Andrade/Amado seja apontada como “tradução brasileira”⁷⁷ e com “estilo brasileiro”, também é mencionado que os tradutores tiveram “maior zelo e estima” pelo romance⁷⁸, que como “escrupuloso”, sugere um apego ao texto de origem.

A tradução de Ribeiro é a única que se apresenta com a proposta explícita de “nacionalizar” o *Quixote*, como foi visto antes, mas mesmo assim Morejón (1963) afirma que, “sem trair nunca o conceito nem o espírito cervantino, [Ribeiro] escreveu um Quixote que é tão português como espanhol, pois foi repensado a partir de um ângulo genuinamente lusitano” (Morejón in Cervantes, 1963:22-23). Cabe notar que, para Morejón, o fato de o texto ser tão português como espanhol deve-se a ter sido repensado a partir de um ângulo lusitano; algo que nos remete à influência de 250 anos de bilinguismo luso-espanhol, tanto linguístico como cultural⁷⁹.

⁷⁵ Lawrence Venuti também escreve sobre estratégias de tradução: “Strategies in producing translations inevitably emerge in response to domestic cultural situations. But some are deliberately domesticating in their handling of the foreign text, while others can be described as foreignizing, motivated by an impulse to preserve linguistic and cultural differences by deviating from prevailing domestic values” (Venuti, 2005: 240). Ver também Antoine Berman (2007).

⁷⁶ Para Peixoto são: “tradutores escrupulosos e de prosa escorreita. Levados talvez pela inferioridade em que viam as nossas letras no capítulo das traduções do *Quixote*” (Peixoto, 1961, apud Abreu, 1994: 82-83, grifos meus).

⁷⁷ No ano seguinte, publicou o que se afirmava ser a primeira tradução brasileira de *D. Quixote*. “[...] A tradução foi de Almir de Andrade e Milton Amado. A idéia de publicar uma edição de *D. Quixote* partiu de Daniel, irmão de José Olympio, e conta-se que este, ao vê-lo trabalhando nisso, teria resmungado: ‘A mim o que interessa mesmo é o Brasil’” (Hallewell, 2005: 465, aspas do autor).

⁷⁸ Nota da primeira edição: “Como se vê, esta é a primeira vez que se traduz no Brasil o *Dom Quixote*. [...] A complexa e árdua missão de verter em boa língua portuguesa mas com estilo brasileiro (como a propósito de Alencar assinalou o Prof. Gladstone Chaves de Melo) o *Dom Quixote* foi confiada a dois escritores que a realizaram com o maior zelo e a estima profunda que têm pelo romance [...]” (Cervantes, tradução Andrade/Amado, 1952: 86, itálicos da edição).

⁷⁹ Ver mais sobre o bilinguismo e a tradução do *Quixote* em Cabelo (2010).

Na tradução de Eugênio Amado, Morejón (1991)⁸⁰ diz que o tradutor tenta respeitar a estrutura da linguagem cervantina, substituindo formas hispânicas por refrões e locuções brasileiras, com o objetivo de trazer uma “melhor compreensão do estilo do Cervantes”, o que considera uma tradução honesta, sem liberalidades que alterem a estrutura ou o conteúdo do livro. Cabe ressaltar novamente a preocupação em encontrar equivalentes brasileiros para as formas hispânicas, uma estratégia considerada domesticadora, aqui usada com o intuito de não se afastar do estilo do autor espanhol.

Como foi visto, as traduções do século XXI se declaram mais próximas ao texto. Há em seus paratextos grande preocupação com o texto cervantino, mas curiosamente possuem um discurso parecido ao dos paratextos das traduções anteriores no que diz respeito ao objetivo de atender às expectativas do leitor contemporâneo e de empregar linguagem atual, uma preocupação corrente, geralmente encontrada nas edições que tencionam aproximar o texto do leitor. A edição da editora 34 é apresentada como a primeira versão que faria “jus à riqueza do original”, precisamente por reproduzir, e recuperar para o leitor de hoje, as características da prosa cervantina, toda sua a graça o encantamento⁸¹. Molina diz manter as construções sintáticas [em português] mesmo que pareçam espanholizantes, comparando-as ao português clássico, e fala em ponte com a prosa de Cervantes. Segundo ele, isso não teria sido feito pelas traduções anteriores, que não seriam “ruins” e teriam se esforçado para ser “leves”, mas por terem partido do pressuposto que Cervantes escreveria mal, de maneira antigramatical e confusa⁸² e de que o texto deveria ser corrigido, seus excessos eliminados, exemplificando com as censuras de “partes mais fortes” na tradução Viscondes/Chagas⁸³. Apesar de supor que

⁸⁰ “A tradução que temos neste instante diante de nós, realizada por Eugênio Amado, tenta respeitar, na medida do possível – em tradução literária é necessário falar sempre “na medida do possível” – a estrutura da linguagem cervantina, substituindo formas hispânicas por sintagmas, modismos, refrões, locuções brasileiras, para melhor compreensão do estilo do Cervantes. A tradução de Eugênio Amado respira honestidade por todos os lados, e em nenhum instante se permite o tradutor liberalidades que alterem a estrutura ou o conteúdo do livro de Cervantes. Trata-se de uma tradução harmônica, feita com equilíbrio, que aponta diretamente o alvo, que é a compreensão séria e inteligente do *Quixote* por parte dos leitores brasileiros, oferecendo-nos a magna obra cervantina como todo o sabor e a riqueza que caracterizam o original, guardando as distâncias, evidentemente, que todas as traduções, até aquelas consideradas absolutamente perfeitas – nas quais jamais acreditaremos a não ser que compreendamos ou aceitemos os resultados como uma outra obra de arte – guardam como o original” (Morejón in Cervantes, 1991: xxvii).

⁸¹ Ver nota 46.

⁸² Ver comentário de Berman (2005: 279): “[...] the masterworks of prose are characterized by a kind of “bad writing,” a certain “lack of control” in their texture. This can be seen in Rabelais, Cervantes, [...]”.

⁸³ Villa, Benedetti & Hirsch, (2003: 165): “[...] as traduções disponíveis [o tradutor mencionou anteriormente Viscondes/Chagas, Almir de Andrade & Milton e Eugênio Amado] não conseguiram fazer a ponte. Não que elas sejam ruins, todas se esforçam para ser leves, mas lhes falta alguma coisa. Durante muito tempo, fiquei pensando nisso, em qual seria essa falha. Hoje sei que o problema é principalmente formal: não se respeita o ritmo da prosa de Cervantes. Em todas [as traduções] se partiu do pressuposto

“nenhuma tradução chegava bem junto ao leitor brasileiro contemporâneo” (Villa, Benedetti & Hirsch, 2003:160), e que as “traduções anteriores soavam antiquadas, distantes” (ibid, p. 167) confirma que todas foram “uma referência importante durante o trabalho” (ibid, p. 161).

Essas declarações remetem à edição da editora Record, que se propõe a traduzir em “belo acento brasileiro da língua de Camões” toda a riqueza de Cervantes⁸⁴. Nougé/Sánchez mencionam uma “equação de três incógnitas”, o português contemporâneo a Cervantes, o sabor hispânico e a compreensão do leitor atual.

Ao analisar as traduções verifica-se que essa oposição entre duas estratégias, domesticação e estrangeirização, não se reflete de maneira rígida nas opções tradutórias. A tradução anônima salta aos olhos como a mais literal com relação ao texto em espanhol, característica comumente encontrada nas traduções arcaicas, e a de Ribeiro como a mais domesticadora, cumprindo seu intento de fazer uma versão portuguesa do *Quixote*. As outras traduções flutuam entre uma estratégia e outra, em especial buscando de provérbios equivalentes na língua portuguesa, ou explicitando o sentido do mesmo, recursos que levam o texto ao leitor e não o inverso. A literalidade surge, quase sempre, em duas situações: quando não existe um equivalente, possibilitando então o sabor estrangeiro do texto de Cervantes, ou quando existe um provérbio em português que é idêntico a uma tradução literal do provérbio do texto de partida.⁸⁵

Logo na primeira frase, *Ni yo lo digo ni lo pienso*, aparece um lusismo, o uso do termo *cá*, nas traduções portuguesas assinadas e em Nougé/Sánchez. *Allá se lo hayan, con su pan se lo coman*, considerado como o primeiro provérbio dos sete que Sancho dirá nesse segmento, é parte de um provérbio que aconselha a não intromissão na vida alheia. É traduzido com literalidade só pelo tradutor anônimo. Apesar de que o termo “se hajam” ainda ser usado na segunda metade do século XIX⁸⁶, a tradução de 1876, bem como os tradutores do século XX utilizam parte do início do refrão original, *se avenham*⁸⁷. A segunda parte, com mudanças no segmento final da frase, é uma

obsoleto de que Cervantes escreve mal – idéia, aliás que alguns repetem até hoje -, de que ele é antigramatical, confuso, repetitivo e redundante. Por isso o tradutor teria, antes demais nada, que corrigir o texto. Em todas essas traduções foram feitas ‘correções’, eliminando repetições e redundâncias, limitando excessos. Os viscondes até censuram as partes mais fortes: cortam palavrões, desfazem duplos sentidos maliciosos [...]” (aspas dos autores).

⁸⁴ Ver texto integral na nota 59.

⁸⁵ Ver mais em Cobelo (2010b).

⁸⁶ Cfr. Ordenações e leis do reino de Portugal (1865:244).

⁸⁷ O provérbio inteiro diz: “lá se avenham, lá se hajam”. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/portugues-frances/1%C3%A1>. Acesso em: 7 set. 2010.

expressão, traduzida por Andrade/Amado e por Nougé/Sánchez (com uso de nota explicativa) com variações do provérbio *Cada um sabe as linhas com que cose*, e Ribeiro é o único que separa completamente a segunda oração com um ponto final e a traduz por um provérbio bem rimado e conhecido, *Sua alma, sua palma*. Só Molina une as duas expressões, *Eles lá que saibam as linhas com que cosem*, uma solução também interessante.

Logo nota-se o uso de *porquear* por Ribeiro no lugar que todos deixaram *amancebados*, e a seguir o segundo provérbio, *De mis viñas vengo, no sé nada*. Na tradução anônima, vê-se novamente a literalidade, repetida nas traduções brasileiras do século XX. A segunda parte, *não sei nada*, aparece em todas as outras traduções (às vezes com o acréscimo da preposição *de*), exceto na de Ribeiro, que inclui a expressão seguinte, e resolve tudo com o provérbio: *Não gosto de meter o nariz na vida alheia*. O terceiro provérbio, *que el que compra y miente, en su bolsa lo siente*, é traduzido literalmente e de forma bem parecida por quase todos⁸⁸. Nesse caso a tradução literal resulta também em um provérbio. Nougé/Sánchez preferem usar uma variante de outro provérbio, também considerado como equivalente, *quem mexe em vespeiro, picado sairá*.

Cuanto más, que desnudo nací, desnudo me hallo: ni pierdo ni gano, provérbio de reminiscências bíblicas e quase um bordão de Sancho Pança, é traduzido de maneira bem literal por quase todos, com pequenas variações. A exceção é de Ribeiro, *por mim tanto se me dá como se me deu*. *Onde elas se fazem, lá se pagam*, que coloca dois provérbios no lugar. O próximo provérbio, *Y muchos piensan que hay tocinos, y no hay estacas*, dito cinco vezes pelo escudeiro durante a obra, é bem marcado cultural e historicamente⁸⁹. Nesse caso a tradução anônima é menos literal que a tradução Viscondes/Chagas, seguida das traduções de Eugênio Amado, e de Andrade/Amado. As edições atuais, assim como a da tradução de Ribeiro usaram variações de um provérbio equivalente: *São mais as vozes que as nozes* (Molina) e *nem tudo o que reluz é ouro* (Nougé/Sánchez).

A seguir Sancho diz: *¿quién puede poner puertas al campo?*, outro provérbio não encontrado em português nas referências usadas⁹⁰. Segundo Anna Sanchez “indica a impossibilidade de evitar a maledicência ou de limitar a fantasia (1982: 180),

⁸⁸ As traduções brasileiras suprimem o pronome pessoal feminino *sua*.

⁸⁹ Ver explicação da nota 70.

⁹⁰ Ver item 3.2.5 - Coletâneas e Dicionários de Provérbios em Cobelo (2009:94-95).

interpretação dada no século XIX e até 1963, através de três expressões distintas. Eugênio Amado retorna à opção literal da tradução anônima, e no século XXI, as duas versões são quase idênticas; Molina usa *quem pode rédeas ao vento*, assim como Nougé/Sánchez, apenas com *travas* no lugar de *rédeas*.

O último provérbio, *Cuanto más que de Dios dijeron*, fixou-se, assim como muitos outros provérbios da obra, através do próprio *Quixote*, e não se encontrou um provérbio conhecido em português. As opções dos tradutores foram bastante semelhantes. Todos entenderam o significado do dito popular, inclusive o fato de ser um complemento do anterior, mas as escolhas variam entre a total literalidade, como na anônima, e gradações da mesma, como em Andrade/Amado, resultando uma opção bastante adequada em Nougé/Sánchez, *Tanto mais que até de Deus murmuraram*, uma escolha fundamentada na nota de Rico⁹¹, também acompanhada de nota de rodapé nesta edição da Record. As traduções portuguesas também explicitam o provérbio, e chamam a atenção pela inserção do nome de *Cristo*.

A tradução que se destaca por sua proposta adaptativa na resposta de don Quixote, - *¡Válame Dios – dijo don Quijote – y qué de necedades vas, Sancho, ensartando! ¿Qué va de lo que tratamos a los refranes que enhilas?* é a de Ribeiro, que traduz a primeira expressão por uma bem portuguesa: *Santo Breve da marca*, e a seguir usa, *para asneiras és um barra! De todo chorrilho de rifões nenhum acertou a carapuça*, adicionando um adjetivo a Sancho e arrematando a segunda frase com uma expressão idiomática conhecida em português, também usada no Brasil. As outras traduções seguem bastante o texto de Cervantes; cabe notar que só os tradutores do século XXI usam a acepção mais literal, *necedades*; as outras preferem *sandices*, *tolices* e *disparates*. Na última frase a diferença mais evidente é no termo *refrán*, cuja tradução mais aceita, *provérbio* (anônima e Nougé/Sánchez), prefere-se à *refrão* (traduções brasileiras) ou *rifão* – um termo polissêmico. Viscondes/Chagas e Molina usam os sinônimos *adágios* e *ditados*, respectivamente.

Conclui-se que, pelo menos em relação aos provérbios, as traduções flutuam entre as duas estratégias, aproximando-se ora do texto, ora do leitor, variando a estratégia dentro de uma só lógica: aproximar-se do seu leitor contemporâneo. Isso pode significar ter que domesticar para um público que demande um “texto nacional” ou

⁹¹ Ver nota 71

estrangeirizar para um leitor interessado em sentir mais de perto o sabor do texto de Cervantes.

Referências bibliográficas

- ABREU, Maria Fernanda de. **Cervantes no Romantismo Português**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- _____. O *Quixote* na voz dos escritores portugueses. In: VIEIRA, Maria Augusta da Costa (Org.) **Dom Quixote: a letra e os caminhos**. São Paulo: EDUSP, 2006.
- ALMEIDA, Henrique. Tradução ou adaptação? – A versão de Aquilino Ribeiro de Autores Clássicos. **Mathesis** n. 15, 2006 Disponível em: http://z3950.crb.ucp.pt/biblioteca/Mathesis/Mat15/Mathesis15_127.pdf. Acesso em 02 jul. 2009.
- BARROSO, Ivo. **Edgar Allan Poe, “Filosofia da composição”**. *O Corvo* e suas traduções. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.
- BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro**. Tradução de Maria Emilia Pereira Chanut. Bauru, SP: EDUSC. 2002.
- _____. Translation and the trials of the foreing. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). **The traslation studies reader**. 2nd Edition. New York: Routledge, 2005. p. 276-289.
- BORGES, Jorge Luís. **Mi entrañable señor Cervantes**. Conferência na Universidade de Texas, Austin, 1968. Disponível em: www.analitica.com/Bitblo/jjborges/cervantes.asp. Acesso em 21 abr. 2008.
- CANETE, Carmen Mª Comino Fernández de. Primera aproximación al Vizconde de Benalcanfor y a su traducción de Don Quixote de la Mancha. In DASILVA, Xosé Manuel (Ed.). **Perfiles de la traducción hispano-portuguesa, II**. Vigo: Editorial Academia del Hispanismo, pp. 59-68, 2007. In: Actas del I Congreso de la Asociación de Lusitanistas del Estado Español. Palma de Mayorca: Universitat de les Illes Balears, 2003. Disponível em: <http://www.emblematica.com/alee/actas.pdf>. Acesso em 07 jul. 2010.
- CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha**. Editor Francisco Rico. Barcelona: Ed. Crítica, 2001.
- _____. **Dom Quixote de la Mancha**. Tradução de Almir de Andrade e Milton Amado. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952 e 1958.
- _____. **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha**. Tradução de Aquilino Ribeiro. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.
- _____. **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote De La Mancha**. Tradução de Eugenio Amado. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991 e 2005.



- _____. **Dom Quixote de la Mancha.** Tradução de Visconde de Castilho e de Azevedo. São Paulo, Edições Cultura, 1942 e 1943.
- _____. **Dom Quixote de la Mancha.** Tradução de Viscondes de Castilho e de Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. **O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha.** Tradução de Carlos Nougué e José Luís Sánchez. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. **O engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha.** Tradução de Sérgio Molina. Edição bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2005 e 2007.
- _____. **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha.** Tradução anônima. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1794. (Digitalizado pela Oxford University, 2007).
- CINTRÃO, Heloísa Pezza. **Colocar Lupas, Transcriar Mapas – Iniciando o desenvolvimento da competência tradutória em nível básico de espanhol como LE.** São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- COBELO, Silvia. **Historiografia das traduções do Quixote publicadas no Brasil.** São Paulo, 2009. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- _____. A tradução tardia do *Quixote* em Portugal. Aceito em ago. 2010. **TradTerm.** São Paulo: CITRAT/FFLCH-USP.
- _____. A tradução de provérbios e a busca de *equivalência*. Submetido em set. 2010b para publicação em **Tópicos del Seminario**. Puebla: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla ses@siu.buap.mx.
- CORRAL, Francisco. Apresentação. In CERVANTES. **O engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha.** Tradução de Sérgio Molina. Edição bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2005.
- DANELON, Fernanda. O Google dos Sebos. **Revista Trip**, nº 177. Reportagens, Assunto: Livros. Publicado em 13 mai. 2009. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/revista/177/reportagens/o-google-dos-sebos.html>. Acesso em 20 jun. 2009.
- ESTANTE Virtual. Disponível em: <http://www.estantevirtual.com.br/>. Acesso em 27 ago. 2010.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história.** Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gérson de Souza. 2ª. ed.. São Paulo: EDUSP, 2005.

- LIVIA, Márcia. Estante Virtual adota pagamento digital. **Baguette.com**. Publicado em 08 dez 2008. Disponível em: www.baguete.com.br/noticiasDetalhes.php?id=31076. Acesso em 20 jun. 2009.
- LOSSO, Tiago. Estado e democracia no discurso oficial do Estado Novo. **Política & Sociedade**, América do Sul, 7. Publicado em 23 out. 2008. Disponível em: www.periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/7644/6997. Acesso em 10 jul. 2009.
- MARTINS, Marcia A.P. **A instrumentalidade dos estudos descritivos para a análise de traduções: o caso dos *Hamlets* brasileiros**. São Paulo, 1999. 324p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: www.letras.puc-rio.br:8081/pdfs/hamlets_brasileiros.pdf. Acesso em 30 mai. 2009.
- _____. Shakespeare no Brasil: traduções brasileiras do cânone shakespeariano. **Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC**. São Paulo, 13 a 17 de julho de 2008. Disponível em: www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/065/MARCIA_MARTINS.pdf. Acesso em 28 mai. 2009.
- _____. **Escolha seu Shakespeare**. Portal disponível em: <http://www.letras.puc-rio.br:8081/>.
- MILTON, John. **O poder da tradução**. São Paulo: Ars Poetica, 1993.
- MILTON, John e TORRES, Marie-Hélène. Bibliografia sobre Tradução, retradução e adaptação. **Cadernos de Tradução**, Vol. 1, n° 11, 2003. Disponível em: www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/6186/5741. Acesso em 21 mai. 2009.
- MOREJÓN, Julio Garcia. Cervantes e o ‘Quixote’. In: CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote De La Mancha**. Traduzido por Aquilino Ribeiro. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.
- _____. A Universalidade de Cervantes. In: CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote De La Mancha**. Tradução de Eugenio Amado. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991
- NOVA TRADUÇÃO da obra de Cervantes remete texto ao português arcaico. 14 dez 2008 (fonte: Redação **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 jan. 2006). Disponível em: http://www.fndc.org.br/internas.php?p=noticias&cont_key=5361. Acesso em 14 dez. 2008.
- O ENGENHOSO Fidalgo D. Quixote da Mancha. **Letras e Livros**. 16 dez 2008. Disponível em: http://www.letraselivros.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=20. Acesso em 29 jan. 2009.



- ORDENAÇÕES e leis do reino de Portugal. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1865. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=fq8WAAAAYAAJ&pg=PA244&lpg=PA244&dq=%221%C3%A1+se+hajam%22&source=bl&ots=fpFYdKmUo_&sig=bmHCKYDz5CmvsqgyT9D09598XlQ&hl=pt-BR&ei=z12JTOiFGZPy9QTSiKXhDg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCoQ6AEwAA#v=onepage&q=%221%C3%A1%20se%20hajam%22&f=false. Acesso em: 7 set. 2010.
- PAES, José Paulo. **Tradução, a ponte necessária**. Aspectos e problemas da arte de traduzir. São Paulo: Ática, 1990.
- PÉREZ RODRIGUEZ, Marta. **Tras un siglo de recepción cervantina en Brasil: Estudios críticos sobre el Quijote (1900-2000)**. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) —Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- PINHEIRO CHAGAS, Manuel. **Ensaio Crítico**. Porto: Typografia Commercial, 1866.
- POUPAUD, Sandra; PYM, Anthony; SIMÓN, Ester Torres. Finding translations. On the use of bibliographical databases in translation history. Disponível em: http://www.tinet.org/~apym/online/research_methods/2008_databases_paper_ME TA_revised.pdf. Acesso em 20 maio 2009.
- PYM, Anthony. **Method in Translation History**. Manchester: St. Jerome, 1998.
- _____. Humanizing Translation History. Disponível em: http://www.tinet.org/~apym/online/research_methods/2008_humanizing_historyhermes.pdf. Acesso em 20 maio 2009.
- RIBEIRO, Aquilino. Prefácio. In: CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **Dom Quixote de la Mancha**. Traduzido por Aquilino Ribeiro. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.
- VENUTI, Lawrence (Ed.). **The Translation Studies Reader**. 2nd Edition. London/New York: Routledge, 2005.
- _____. Strategies of translation. In: BAKER, Mona (Ed.) **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 2nd Edition. London/New York: Routledge, p.482-502, 2005.
- VIEIRA, Maria Augusta da Costa (org.). **Dom Quixote – A letra e os caminhos**. São Paulo: Edusp, 2006.
- VILLA, Dirceu; BENEDETTI, Ivone; HIRSCH, Irene. Entrevista com Sérgio Molina in **Cadernos de Literatura em Tradução**. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, n. 5, p. 171, 2003.

SANCHEZ, Anna. **Os refrãos no discurso de Sancho Pança: um estudo semântico.** São Paulo, 1982. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SOUZA, Alex. Nova Tradução da obra de Cervantes remete texto ao português arcaico. **Diário de Natal.** Natal, 18 jan. 2006. Caderno “Muito”, p. 4.

WOODSWORTH, Judith. History of translation. In: BAKER, Mona (Ed.) **Routledge Encyclopedia of Translation Studies.** 2nd Edition. London/New York: Routledge, p.100-106, 2005.